



UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
Departamento de Sociologia

Trabalho de Fim de Curso

**Percepções das Adolescentes Acerca da Preservação da Virgindade:
Influência do Seu Grupo de Pares**

Monografia apresentada para obtenção do grau de Licenciatura em Sociologia na
Universidade Eduardo Mondlane

Autora:
Delúvia Alice Jeremias Nhancale

Supervisora:
Dra. Maria Judite Chipenembe

Maputo, Novembro de 2012

**Percepções das Adolescentes Acerca da Preservação da Virgindade: Influência
do Seu Grupo de Pares**

Monografia apresentada para obtenção do grau de Licenciatura em Sociologia na
Universidade Eduardo Mondlane

Autora: Delúvia Alice Jeremias Nhancale

**Universidade Eduardo Mondlane
Faculdade de Letras e Ciências Sociais
Departamento de sociologia**

Supervisora: Dra. Maria Judite Chipenembe

Maputo, Novembro de 2012

O Júri

A Supervisora

O Presidente

O Oponente

Data

Universidade Eduardo Mondlane

Faculdade de Letras e Ciências Sociais

Departamento de Sociologia

Trabalho de Fim de Curso

**Percepções das Adolescentes Acerca da Preservação da Virgindade: Influência do
Seu Grupo de Pares**

Monografia apresentada para obtenção do grau de Licenciatura em Sociologia na
Universidade Eduardo Mondlane

Autor:

Delúvia Alice Jeremias Nhancale

Supervisora:

Dra. Maria Judite Chipenembe

Maputo, Novembro de 2012

Folha de Aprovação

Este trabalho foi aprovado com _____ valores no dia _____
de _____ de 20 _____ por nós membros do júri do
Departamento de Sociologia da Faculdade de Letras e Ciências Sociais da
Universidade Eduardo Mondlane.

(O Presidente do Júri)

(O Oponente)

(A Supervisora: Dra. Maria Judite Chipenembe)

Dedicatória

Dedico este trabalho, em primeiro, lugar aos meus filhos, Nwety e Nzuti Chaúque, minha fonte de inspiração, ao meu marido Armindo Chaúque, minha razão de viver. Dedico também a toda minha família, aos meus pais por terem feito o que eu sou hoje, aos meus irmãos, pelo amor e interesse que sempre demonstraram por mim.

Agradecimentos

O meu maior agradecimento vai a Deus, dador da vida, a minha querida auxiliadora Dra. Maria Judite Chipenembe, pela atenção, disponibilidade que sempre me ofereceu e pela paciência que sempre demonstrou para a concretização deste trabalho, o meu muito obrigado.

Agradecimentos também vão aos meus colegas do curso de Sociologia 2008-2011, especialmente para Almeira, Isidro, Clementina, Yara, pelas dicas que sempre me deram e pelo apoio que sempre me disponibilizaram. Ao meu amigo Bié, pela atenção. Á WLSA, pela paciência, ajuda e por me terem aturado nos dias das minhas pesquisas.

Não poderia deixar de agradecer as estudantes da escola Secundária Josina Machel, especialmente as estudantes da 11ª classe 2012 pelas contribuições que ofereceram para a realização do trabalho, pois, sem elas, grande parte do trabalho não teria se concretizado.

Á todos que contribuíram directa ou indirectamente para a realização deste trabalho, o meu muitíssimo obrigado.

Contents

RESUMO	9
ABSTRACT	10
INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1	17
REVISÃO DA LITERATURA	17
1.1. Abordagens psicossociais do adolescente e sexualidade	17
1.2. Abordagens sobre a Sexualidade em Moçambique	20
1.3 Abordagens sobre a Virgindade	25
CAPÍTULO 2	30
ENQUADRAMENTO TEÓRICO E CONCEPTUAL	30
2.1. Quadro conceptual	31
2.1.1 Sexualidade	31
2.1.2 Adolescência	32
2.1.3 Grupo de pares	33
2.1.4. Virgindade	35
2.1.5. Percepção social	36
2.2. Operacionalização de Conceitos	36
2.2.1. Adolescência	37
2.2.2 Grupo de pares	37
2.2.3. Virgindade	38
CAPÍTULO 3	39
METODOLOGIA	39
3.1 Métodos de Abordagem	39
3.2 Métodos de Procedimento	39
3.3 Técnicas de recolha de dados	40
3.4. Delimitação do Universo	41
3.6 Limitações do estudo	42
CAPÍTULO 4	43
APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS DA PESQUISA	43
4.1. Localização geográfica e caracterização espacial da Escola	43
4.2. Perfil social das participantes da pesquisa	44
4.3. Relacionamento das adolescentes com a família	44
4.4. Educação na escola	51

4.5. Relação com os amigos	53
4.6. Vida sexual da adolescente.	57
CAPÍTULO 5	63
VIRGINDADE: PERCEPÇÕES E INFLUÊNCIAS	63
6.1. Percepções das adolescentes acerca da preservação da virgindade	63
5.2 Grau de influência do grupo de pares no comportamento e atitudes das adolescentes	64
5.3. Influência que o grupo exerce nas opiniões e decisões das adolescentes	65
CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
Referências Bibliográficas	69
Anexo 1	73
Tabela com distribuição das entrevistadas em bairros e idades	73
Anexo 2	75
Guião de entrevista para o grupo focal	75
Guião de entrevista aplicado para história de vida	77

RESUMO

O trabalho que desenvolvemos procura compreender como é que são construídas as percepções que as adolescentes têm acerca da preservação da virgindade, tendo em conta a influência do seu grupo de pares”.

Esta inquietação surge na medida em que, assuntos relacionados com a sexualidade e sobretudo a virgindade em Moçambique, dado ao sistema de dominação patriarcal e ao sistema cultural ainda constituem tabus e são por consequência pouco discutidos nos diferentes agentes de socialização, (Silva et al: 2007). Portanto, o tema que desenvolvemos surge da necessidade de se aprofundar as reflexões sobre o comportamento e práticas relativas a virgindade dos adolescentes em Moçambique, uma vez que a tendência para experiências sexuais que iniciam mais cedo, combinada com a falta de informação, aumenta o risco de gravidez prematura e de doenças sexualmente transmissíveis. Deste modo, usando a teoria da construção social da realidade e os métodos Indutivo e Biográfico, e a técnica do grupo focal para a recolha de dados, constatamos que as adolescentes vão construindo suas percepções acerca da virgindade a partir das interações e influências que estabelecem e recebem do seu grupo de pares. Assim os resultados da nossa pesquisa permitiram compreender que esta percepção é construída nos grupos de pares com quem as adolescentes têm mais aproximação e afinidades, ou seja, fora da família e da escola; e, por outro lado, que ela tenta corresponder ao modo de vida deste mesmo grupo, ou seja, o medo de se sentirem diferentes ou excluídas do grupo, faz com que suas atitudes, comportamentos, opiniões e decisões espelhem a vida que se leva nos grupos.

Conceitos-chave: Sexualidade, Adolescentes, Grupo de pares e Virgindade.

ABSTRACT

At this work, we seek to understand how are constructed perceptions that adolescents have about the preservation of virginity, taking into account the influence of the peer group.

This disquiet arises insofar as issues related to sexuality and especially virginity, in Mozambique, given that the system of domination and patriarchal system still constitute cultural taboos and are therefore less discussed in the various agents of socialization. Therefore, we developed the theme that arises from the need to deepen the reflections on the behavior and practices regarding the virginity of young adolescents in Mozambique, since the tendency for sexual experiences that begin earlier, combined with the lack of information and services increases the risk of premature pregnancy, infection with HIV/AIDS and other sexually transmitted diseases. Thus, using the theory of social construction of reality and inductive methods, focus groups and life history to collect data, we found that adolescents are building their perceptions of virginity from the interactions and influences that set and get from their peer group. Thus, the data from our study allowed us to understand that this perception is built in groups of peers with whom adolescents are more closeness and affinity, i.e., outside the family and school; and, on the other hand, it tries to match the mode stereotypical life of this same group; i.e., the fear of being different or excluded from the group, makes their attitudes, behaviors, opinions and decisions reflect the life one leads in groups.

Key-Concepts: *Sexuality, Teens, Peer group and Virginity.*

INTRODUÇÃO

A temática da sexualidade ganhou ênfase na década de 1980, com o surgimento de novas doenças endêmicas sexualmente transmissíveis, como o vírus de HIV/SIDA, o que veio a impulsionar, entre outros aspectos, as investigações sobre as práticas e representações da sexualidade, (Loforte: 2007). Assim a curiosidade sobre a sexualidade e os sentimentos que ela desperta sempre estiveram presentes ao longo da história da humanidade, (Foucault:1988). Foucault, como um dos primeiros a abordar a questão da sexualidade, mostra que a história e os discursos sobre a sexualidade foram criados com base nas relações de poder e, com o surgimento da Igreja Católica, a sexualidade ficou restringida à ideia de procriação onde qualquer tipo de controle da natalidade ao contrário do propagado pelos especialistas da demografia era visto como pecado. Para Foucault os discursos sobre a sexualidade foram nada mais que instrumentos de controle e de coerção construídos dentro das relações de poder.

Apesar da emergência da sexualidade como território privilegiado pelas ciências sociais, em Moçambique existem poucos estudos relativos a virgindade.

A Declaração e Plataforma de Beijing (1995), no seu relatório, com o objectivo de promover acções pela igualdade entre homens e mulheres no que concerne a educação e saúde, especifica que as mulheres têm o direito ao gozo dos níveis mais altos de saúde física e mental. Indica ainda que o limitado poder que muitas mulheres têm sobre a sua vida sexual e reprodutiva, e a falta de influência na tomada de decisões são realidades sociais com um impacto adverso na sua saúde.

Resultante da preferência pelos filhos rapazes, há discriminação contra as meninas no acesso a saúde e bem-estar, o que força às jovens á casamentos, gravidez e partos prematuros e as submetem á práticas prejudiciais como as mutilações genitais femininas (*Ibidem*).

Os adolescentes durante o seu crescimento, necessitam de acesso aos cuidados de saúde, aconselhamento e acesso aos serviços de informação sobre a saúde reprodutiva, que muitas vezes não os obtêm. As adolescentes são mais vulneráveis

que os rapazes no que concerne ao abuso sexual, violência e prostituição, e as consequências resultantes das relações desprotegidas e prematuras. Essa vulnerabilidade manifesta-se tanto de forma biológica como psicossocial, (*Ibidem*).

Assim, para alguns jovens, a idade para o início da vida sexual varia de acordo com o sexo (onde os rapazes devem iniciar mais cedo) devido á necessidade de responder às necessidades biológicas (Silva et all: 2007). O exercício da sexualidade é influenciado por uma socialização marcada por uma hierarquização típica da sociedade patriarcal, onde a virgindade, mesmo quando considerada como uma situação ideal, é cada vez mais rara em todos os meios, e é dirigida á rapariga, porque o homem é quem deve ser mais experiente (*Ibidem*).

Neste aspecto, nosso trabalho, mostra que o início da actividade sexual por parte dos adolescentes é resultante da construção social da realidade, ou seja, o início das actividades sexuais, vai para além das necessidades biológicas.

A recolha de dados sobre as percepções das adolescentes acerca da virgindade: Influência do grupo de pares na sua preservação, foi realizado na cidade de Maputo, concretamente na Escola Secundária Josina Machel. Escolhemos trabalhar com o Grupo de pares, porque a fase da adolescência é, segundo Carvajal caracterizada basicamente pelo aparecimento do grupo de pares (1998:85). Os acontecimentos giram em torno do grupo, actividades, sensações e pensamentos, estão ligados ao que pensam, dizem ou opinem os outros pares. Escolhemos a escola como campo específico para a realização do trabalho de campo, pois, este local, facilitou o encontro com o maior número possível de adolescentes e com a vantagem de poder encontrá-las no mesmo local. Por outro lado, é onde encontraremos o grupo alvo desta pesquisa, que são as adolescentes com as idades compreendidas entre os 15 e 18 anos. A localização da escola no “centro” da cidade e por estar sujeita à grandes influências externas facilitou a realização desta pesquisa. O foco desta investigação, centrou-se na forma como as adolescentes desta escola percebem a questão da preservação da virgindade. Este trabalho não pretende compreender a preservação da virgindade em si como um conceito, mas sim compreender a preservação enquanto uma acção social, como as adolescentes percebem a questão da preservação da virgindade.

Portanto, durante a revisão da literatura decidimos focar a sexualidade na adolescência, pelo facto de: “ *ser um processo de metamorfose entre a criança e o adulto, com certas regras do jogo às quais nenhum ser humano pode escapar, (Sic) suas manifestações comportamentais variam de forma dramática, dependendo do modo de comportamento padronizado por cada cultura (Carvajal,1985:26)*

Deste modo, o trabalho, têm como objectivos principais: *compreender o comportamento das adolescentes no que se refere a preservação da virgindade, tendo em conta a influência do seu grupo de pares. De modo a alcançar este objectivo principal, procuramos também: identificar as percepções das adolescentes acerca da preservação da virgindade; a influência do grupo de pares no comportamento e atitudes das adolescentes; e a influência que o grupo exerce nas opiniões e decisões das adolescentes;*

Para (Miranda e Araújo, 2006), em algumas culturas a virgindade não tem muito valor, já em outras a sua perda representa um momento sagrado, um rito de iniciação a ser celebrado . Em sociedades em que a virgindade tinha um alto valor social, religioso e cultural, servia justamente para refrear a actividade sexual feminina, assegurando assim a instituição matrimonial e a legalidade dos filhos, (*Ibidem*). Manter a mulher virgem e fiel ao marido permitia que, somente os herdeiros legítimos tivessem acesso aos bens da família.

A liberalização dos comportamentos sexuais, permitida entre outros pela contracepção hormonal das mulheres alterou profundamente a visão da virgindade nas sociedades e a emancipação das mulheres contemporâneas. Ao mesmo tempo que a contracepção permitiu separar a sexualidade do acto de procriação, a virgindade perdeu o seu papel de garantia de legítima filiação no casal (Bueno: 1980).

Estas mudanças dessacralizaram o papel social da virgindade, que adoptou em certos casos um valor negativo e angustiante, como pretendo indicador de incapacidade social ou amorosa, (Bueno: 1980).

No entanto, a expansão de movimentos religiosos mais conservadores e a consciência dos riscos ligados às doenças sexualmente transmissíveis como o HIV/SIDA têm

levado a uma renascença da virgindade como um ideal positivo e desejável para alguns, (Bueno: 1980).

Apesar de a virgindade ter servido no passado para refrear a actividade sexual feminina, assegurando assim a instituição matrimonial e a legalidade dos filhos, (Miranda e Araújo: 2006) observa-se actualmente que ela perdeu este valor, na medida em que pouca importância se atribui ao assunto, (Bueno:1980).

Ao nível do senso comum, a ideia que se tem da virgindade, é que ela é coisa do passado. Muitos jovens actualmente pensam que não é importante a preservação da virgindade, pois hoje em dia a sua obrigatoriedade não se faz sentir. É comum as adolescentes perderem a virgindade aos 13 e 14 anos e isto não constituir problema na altura do casamento. Ou seja, é comum as mulheres irem ao casamento depois de perder a virgindade, mesmo que essa virgindade não tenha sido perdida com o marido. Assim, as adolescentes têm experiências sexuais mais cedo, aliado a falta de informação pelos diferentes agentes de socialização, envolvem-se em práticas sexuais de risco. Uma vez que a família e a escola não passam informações necessárias aos jovens em matéria de saúde reprodutiva, eles buscam informações em outras fontes, como por exemplo os grupos de pares, que na fase da adolescência, ocupam maior parte do tempo da vida dos adolescentes, onde os jovens aprofundam os seus conhecimentos em matéria de saúde sexual e reprodutiva (Silva et al: 2007)

Neste âmbito, nosso trabalho pretende compreender como é feita a construção das percepções das adolescentes acerca da virgindade em espaços de socialização diferentes da família e da escola, ou seja, nos seus grupos de pares. Deste modo, nossa inquietação, surge na medida em que, sendo a sexualidade um assunto que faz parte da vida dos indivíduos, e que nenhum ser humano pode escapar às suas manifestações: como é que são construídas as percepções que as os adolescentes tem acerca da preservação da virgindade, num meio onde este assunto ainda constitui um tabu e que influências recebem dos grupos de pares na construção dessa percepção?

Como hipótese, adiantamos que as adolescentes constroem suas percepções acerca da virgindade a partir das interações e influências que estabelecem e recebem do seu grupo de pares. A ausência de informação pelos diferentes meios de socialização, como a família e a escola, faz com que as adolescentes busquem informação em outros meios, destacando-se os grupos de pares, que aparecem como importante factor de socialização, exercendo influência no fim da infância e na adolescência (De Martins: 2006). As percepções acerca da virgindade aparecem como variável dependente; enquanto que as percepções condicionadas pelas interações e influências, que estabelecem e recebem do seu grupo de pares, como variáveis independentes. Este trabalho tem suporte na abordagem construtivista, que defende que, a existência no mundo da vida quotidiana está condicionada pela interação com os outros indivíduos, portanto, não se pode existir na vida quotidiana sem estar continuamente em interação e comunicação com os outros indivíduos, (Berger e Luckman: 1978). Assim, é no quotidiano, em interação, que os indivíduos constroem o seu conhecimento e dão vida ao mundo da vida quotidiana.

Neste trabalho operacionalizamos quatro conceitos fundamentais, nomeadamente: sexualidade, adolescência, virgindade e grupo de pares.

Em relação a metodologia, o método de abordagem Indutivo, foi crucial na realização desta pesquisa, pois, conforme (Gil: 1999) este método, parte da análise de fenómenos particulares para conclusões gerais, e o método de procedimento biográfico, que se define como um relato da experiência individual revelando acções de um indivíduo como actor humano e participante na vida social (Gobbi: 2006). Nos apoiamos em técnicas de pesquisa bibliográficas como, pesquisa documental, entrevistas abertas, questionário e o grupo focal, que permitiu aprofundar a reflexão em busca do essencial no nosso trabalho.

A falta de informação e de estudos referentes a virgindade e saúde reprodutiva, coloca os adolescentes em situação de risco. Esta falta de estudos sobre saúde reprodutiva e vida sexual, pode constituir uma barreira para a criação de políticas que visam melhorar a vida sexual dos adolescentes. A nível teórico a análise focaliza a

sexualidade nos adolescentes, privilegiando a abordagem ligada a virgindade, pois esta questão da virgindade remonta de longa data, porém, actualmente não se faz sentir a obrigatoriedade da sua preservação como o era antes. A nível prático, o mesmo ajudará a compreender como as raparigas constroem sua sexualidade e que mecanismos adoptam para essa construção e sobre tudo o que pensam sobre a preservação da virgindade.

Este trabalho é pertinente na medida em que, fornece alguns dados sobre a virgindade, assunto pouco abordado nas ciências sociais, e também é pertinente na medida em que, apresenta algumas características da adolescência que se traduz numa fase complexa de vida, os mecanismos de entrada para a sexualidade e as percepções acerca da virgindade.

O trabalho comporta cinco capítulos. No primeiro, apresentamos a introdução do trabalho, que inclui a delimitação do tema, objectivos e sua respectiva justificativa. No segundo, apresentamos a formulação do problema, destacando as abordagens sobre a sexualidade em Moçambique e abordagens sobre a virgindade, hipóteses e variáveis. O terceiro capítulo, é reservado ao enquadramento teórico e conceptual, o quarto reservado a metodologia e por fim o quinto capítulo destinado a apresentação e discussão dos resultados da pesquisa e depois as considerações finais, as referências bibliográficas e os

CAPÍTULO 1

REVISÃO DA LITERATURA

Para a formulação do problema de pesquisa, fizemos uma revisão da literatura, onde se destacaram obras moçambicanas e a brasileira que abordam a questão do adolescente e da sexualidade (Loforte: 1998; Silva et al: 2007; Loforte: 2007; Osório e Silva: 2008; Mariamo: 2010; Mitano: 2010); (Carvajal: 1998; Heilborn: 2006; Marcelli e Braconnier: 2007).

A questão da sexualidade faz parte de um conjunto de problemas do comportamento grupal e individual modernos, cuja transmissão é complexa e para qual não existem receitas prontas ou simples, (Morais de Sá et al: 2000). Porém, a sexualidade não é abordada de igual modo para os dois gêneros (homens e mulheres / meninas e meninos).

As causas históricas que regem a *sexualidade feminina*, têm profundos condicionamentos sociais e psicológicos datando de tempos remotos. Desde os primórdios, a mulher têm sido considerada um ser inferior (Morais de Sá et al: 2000)

Deste modo, este trabalho apresenta três abordagens sobre a sexualidade e virgindade, nomeadamente: 1.1. Abordagens psicossociais do adolescente e sexualidade; 1.2. Abordagens sobre a sexualidade em Moçambique e 1.3. Abordagens sobre a virgindade.

1.1. Abordagens psicossociais do adolescente e sexualidade

A primeira obra sobre esta matéria, pertence ao autor (Carvajal: 1998). Esta obra com uma visão psicanalítica do adolescente e da sexualidade, apresenta uma ideia panorâmica e profunda da adolescência, penetrando no problema da adolescência,

através das noções que considera fundamentais: a metamorfose e psicofísica do adolescente e a aquisição do sentimento de identidade.

Para caracterizar a compreensão da adolescência como uma metamorfose, o autor acima citado, sublinha que “o adolescente se recolhe em seu casulo, sendo crisálida em absoluta transformação, diferente da larva da infância e da borboleta da vida adulta”. O processo desta metamorfose, é regido portanto de regras indiscutivelmente genéticas, que se manifestam de maneira diferente em cada estrutura cultural, (Carvajal: 1998).

A fase da adolescência é caracterizada basicamente pelo aparecimento do grupo, dando lugar o aparecimento da “fofoca”, e o grupo se torna um caldeirão de comentários. Aparece uma compulsiva rivalidade e a tentativa de buscar a preferência e a liderança. O lema nesta fase, é não ser rejeitado e estar, portanto, incluído em todas as actividades grupais (Carvajal, 1998:85)

Uma característica dos afectos do adolescente nesta etapa, é colocar a maior parte dos interesses nos pares, do mesmo sexo, que constituem o núcleo formador do grupo. É isso que dá a sensação de uma só e poderosa idade juvenil (Carvajal: 1998)

“É um período que se caracteriza por uma efervescência erótica bastante activa em todos os níveis. Começa a grande afeição pela pornografia, pelos espectáculos eróticos, pelo álcool e pelas drogas. A actividade sexual ainda está baseada no auto-erótico e na masturbação, mas com características diferentes”, (Carvajal, 1998:93)

Os adolescentes, primam, pelo erotismo grupal. Nele emergem as relações afectivas compartilhadas em que prima a confusão, a competitividade e o temor da exclusão grupal. A/o namorada/o de um adolescente pertence ao grupo. A intimidade é compartilhada dentro do grupo. A mobilidade dos relacionamentos é o catastrófico final da “amizade íntima” que se converte na “pior inimizade”. É um período de muito prazer violento (Ibidem.op.cit;145)

Ainda segundo o mesmo autor, a sexualidade nesta etapa, está carregada de muita ansiedade, devido a seus vários paradoxos e contradições. Para Carvajal, nesta etapa “*as mulheres buscam uma integração em torno da sexualidade*”, (*Ibidem.op.cit;143*)

Nesta etapa, os adolescentes, passam por uma crise sexual. Para o autor, a crise sexual é a mais angustiante e complexa para o adolescente assim como a de autoridade o é para o ambiente adulto. A crise sexual está baseada na reorganização do erotismo sob novas leis estruturais. Trata-se de transformar uma estrutura infantil de funcionamento erótico em uma estrutura adulta.

O autor nesta obra, ao tratar da sexualidade, caracteriza a adolescência, suas fases e sua complexidade. Traz também uma visão sobre as dinâmicas de entrada dos mesmos na vida sexual. Porém, não toca em questões mais particulares, como da gravidez precoce, doenças sexualmente transmissíveis, e virgindade, a questão de saber como os adolescentes se preparam para o início da sua actividade sexual.

Outra abordagem psicossocial do adolescente é dos autores: Marcelli e Braconnier (2007). Estes autores, apresentam uma abordagem psicopatológica, dividida em cinco partes. A primeira parte é consagrada aos “modelos de compreensão” para a adolescência. Têm por objectivo mostrar como a compreensão teórica e, sobretudo, a abordagem clínica e terapêutica do adolescente se nutrem permanentemente desses modelos. A segunda parte é consagrada ao estudo das condutas dos adolescentes, a terceira, ao estudo dos grandes agrupamentos nesográficos, a quarta aborda o estudo dos adolescentes e seu ambiente e por fim a quinta e última é consagrada às diversas abordagens terapêuticas.

Os autores supra citados têm a mesma abordagem que (*Carjaval: 1998*). Estes autores convergem, ao afirmarem que a adolescência e o advento da puberdade, marcam uma viragem na sexualidade, porque o desenvolvimento do aparelho genital, a actividade sexual e as modificações intrapsíquicas decorrentes caracterizam em grande parte a adolescência.

A sexualidade é um ponto focal da vida do adolescente que inclui em si uma parte do agir, necessita uma elaboração mental e modela o corpo e sua imagem. A sexualidade

do adolescente é objecto de curiosidade, inquietação, nostalgia, é objecto revelador da evolução social (Marcelli e Braconnier: 2007). Por sua vez (Joffily e Costa: 2008 *apud* Mitano: 2011), acrescentam que a fase do desenvolvimento psicossocial que as adolescentes atravessam é fundamental para a formação e consolidação da estrutura básica das suas personalidades. Neste período define-se a sexualidade das jovens. No entanto, estas ainda não estão emocionalmente preparadas para assumirem a complexidade que envolve a vida sexual adulta.

Marcelli e Braconnier (2007), realizam um estudo sobre as modificações psíquicas que acontecem quando o adolescente entra para a fase adulta e quando conseqüentemente começa a actividade sexual. Abordam também a um certo nível a questão da virgindade, ao mostrar através de percentagens os que primeiro iniciam a actividade sexual, entre meninos e meninas, ou seja, as meninas perdem a virgindade mais tarde que os rapazes. O Dossier de L'Etudiant, citado pelos autores, indica que, em 1980 aos 16 anos 37% dos alunos do ensino médio do sexo masculino já tinha praticado relações sexuais contra 19% das alunas. Nos E.U.A, em 1970, 25% dos meninos já tinham praticado relações sexuais, contra 13% das meninas.

Deste modo, (Heilborn, 2006:173), ao falar do aprendizado da sexualidade nos jovens brasileiros, avança em hipótese que a entrada na vida sexual adulta não se constitui no mesmo evento para homens e mulheres.

A abordagem que apresentamos, procurou mostrar através dos autores acima citados, que o período da adolescência, é caracterizado pelo aparecimento do grupo. É, nesta fase onde começa nos adolescentes o interesse pelos assuntos ligados a sexualidade.

1.2. Abordagens sobre a Sexualidade em Moçambique

Estudos efectuados em Moçambique, sobre questões ligadas a sexualidade, discutem as relações desiguais de género, com o objectivo de promover os direitos humanos das mulheres nas suas dimensões legal, politica e social, (Loforte; 1998; Silva et all; 2007; Lofort: 2007; Osório e Silva: 2008, Mariamo: 2010). Estes estudos adoptam uma perspectiva feminista, baseada na discussão da subordinação da mulher pelo

homem. Estes autores, concentram as suas análises sobre o abuso sexual, violência, gravidez precoce, riscos de infecções, HIV/SIDA. Pouco se aprofunda sobre a Virgindade, o modo como os adolescentes lidam com a preservação da sua virgindade.

A sexualidade na adolescência é um assunto preocupante, pois o sexo como referem (Joffily e Costa: 2008 *apud* Mitano: 2011), é muito explorado na sociedade ocidental pelos meios de comunicação, publicidade, filmes, revistas, etc. No entanto, em algumas sociedades africanas, como é o caso de Moçambique, o tema do sexo não é explorado dentro das famílias, pois ele faz parte daquilo que se pode e se deve esconder (Mitano:2011)

Os adolescentes tendem a mostrar dificuldades em planear o início da sua actividade sexual. Com as mudanças na estrutura da família, a escola passa a jogar um papel preponderante para o desenvolvimento de uma educação sexual que promova no adolescente um senso de auto-responsabilidade e de compromisso para com a sua própria sexualidade, (Schor e Lopes: 1990 *apud* Mitano: 2011). Do ponto de vista social, as mudanças na estrutura da família, separação dos pais ou a morte de um deles cria uma desestruturação social que parece estar na origem de uma iniciação sexual precoce por parte do adolescente que passa mais tempo entregue a si próprio e menos tempo sob a supervisão dos seus familiares, (Boruchovitch: 1992 *apud* Mitano: 2011).

A sexualidade é uma experiência individual, regida por diferentes desejos e condutas que a torna um processo absolutamente pessoal e natural, assim os adolescentes á semelhança das pessoas adultas, desenvolvem as suas expectativas sexuais relativamente aos constrangimentos impostos pelos papéis e expectativas sociais que fazem parte do mundo em que se vive (Mitano: 2011). Deste modo, a sexualidade humana forma parte integrante da personalidade de cada um, é uma necessidade básica do ser humano que não pode ser separada de outros aspectos da vida, (Sprintall e Collin: 1999 *apud* Mitano: 2011),

Portanto, para regular a sexualidade e capacidade reprodutiva, o primeiro requisito seria que os indivíduos pudessem resistir à coação ou imposição por parte dos outros, porém, na realidade prática, há uma contínua violação desses direitos (Loforte: 1998). As relações de género são, na verdade, relações de poder que subordinam a mulher aos outros nas famílias e comunidades. O discurso do poder reduz o sexo à sua função reprodutiva, à sua forma heterossexual na fase adulta e à legitimidade matrimonial (*Ibidem*).

Assim, se torna imperativo, entre outros aspectos, que os programas de promoção da saúde sexual e reprodutiva e prevenção do HIV/SIDA, reconheçam a sexualidade em toda a sua dinâmica e diversidade, (Loforte, 2007:5).

A autora acima citada, ao falar das noções da sexualidade, faz referência a relação existente entre a sexualidade e os valores sócio-culturais e os mecanismos de controlo social existentes na família, e que, criam um quadro de referência para a construção das identidades feminina e masculina.

A tese por ela defendida é de que, os jovens constituem um grupo de risco, que se engaja em práticas sexuais de risco, o que resulta numa segregação da sua sexualidade em geral e do contexto em que esta é construída e experimentada (Loforte, 2007:2).

O período da adolescência inscreve cada um em distintas sociabilidades nas quais o peso das relações do grupo doméstico varia consoante se trate de meninas ou meninos, relacionando-se este facto, com a diferente concepção de ser adulto em função do género, sendo esta por sua vez informada por ordens de valores distintas (Loforte, 2007:2). O adestramento em tarefas inerentes às actividades produtivas corre em simultâneo com uma aprendizagem da participação nas relações sociais, favorecendo a construção feminina nas relações apropriadas pelo grupo doméstico e ao invés a exteriorização face a estas relações das práticas masculinas, evidenciando-se entre os rapazes um progressivo afastamento do grupo doméstico como lugar de sociabilidade e pólo de relacionamento, lugar a que se substituem relações oriundas dos seus pares em idade (Loforte: 2007).

Tal como Carvajal (1998), Loforte (2007), argumenta que a fase da adolescência é caracterizada pelo aparecimento dos grupos de amigos, onde os mesmos começam a preencher mais tempo na vida de cada um, particularmente nos períodos dedicados ao lazer, estabelecendo um contexto de relação no qual a sexualidade individual é aprendida, debatida e valorizada. Estes grupos constituem agentes de socialização, que surgem pelo facto de, as fronteiras internas que determinam a presença familiar e regulam o fluxo de informação estabelecerem os parâmetros e comportamentos julgados apropriados e limitando o acesso ao conhecimento sobre a sexualidade (Loforte, 2007:3). Assim o acesso à educação e informação seria um factor-chave na educação sexual, pois a instrução potencia uma abertura às mensagens sobre a saúde sexual e reprodutiva.

Com o objectivo de reconhecer algumas componentes que intervêm na construção da identidade sexual dos jovens e que se relacionam com as ITS/HIV/SIDA, (Silva et al: 2007), examinam os direitos sexuais e reprodutivos expressos nas leis e nas políticas públicas, na sua relação com os direitos humanos das mulheres, expressos nos instrumentos internacionais de carácter legal vinculativo e os do consenso, assinados em Moçambique. Consideram que a sexualidade é uma construção social que assume características diferenciadas de acordo com as distintas culturas, o corpo e os significados que lhe são dados têm que ser entendidos como uma parte da formação da identidade individual e colectiva, (Zampa: 2004 *apud* Silva et al: 2007).

Historicamente, a sexualidade das mulheres, e por isso o seu corpo, foi sempre um terreno atravessado por distintas visões, poderes e mandatos, onde, entre tantos aspectos, se podem mencionar a religião, a família, as políticas do Estado de acordo com a hierarquização social, (Gomez: 2002 *apud* Silva et al: 2007)

O grupo alvo do estudo das autoras (Silva et al: 2007) é constituído por jovens raparigas e rapazes pertencentes a grupos sociais e status económicos diferentes, pois, fazem parte de uma geração onde discutir a sexualidade e os seus corpos implica ainda algumas perturbações ou vergonha, ou também é constrangida e reprimida a sua sexualidade acabando por se limitar ao cumprimento do normado socialmente.

No que se refere ao exercício da sexualidade, as raparigas e os rapazes apontam, regra geral, a casa e a escola como os lugares onde recebem informações relativas à vida sexual. Para outros, os ritos de iniciação representam um importante espaço de aprendizagem neste domínio (Silva et al: 2007).

Diferentemente de Marcelli e Braconnier (2007) que apontam que nos E.U.A as raparigas iniciam sua actividade sexual mais tarde em relação aos rapazes, (Silva et al: 2007) indicam que a vida sexual se inicia cada vez mais cedo, quer no campo, quer na cidade, para raparigas e rapazes, apontando como razões para justificar esta situação, para os rapazes, necessidades biológicas, a curiosidade provocada pelos filmes (novelas, vídeos pornográficos), os programas de prevenção contra ITS que advertem para o uso de preservativo bem como a necessidade de afirmar a sua masculinidade e a pressão dos amigos, e para o caso das raparigas, são apontados a pressão dos namorados, normalmente mais velhos, muitos dos quais “pedem a prova de amor”, a influência das amigas já iniciadas, a pobreza, a ambição, e o desejo de não serem humilhadas por serem virgens pelo grupo de amigas ou pelos rapazes. Também se aponta, os próprios familiares que estimulam os casamentos prematuros, isto é Moçambique, província da Zambézia. (Silva et al, 2007:88).

Portanto, não se pode dissociar o início da vida sexual de muitos jovens, principalmente dos centros urbanos, das rápidas mudanças sociais e políticas que ocorrem, com impactos na sua vida, muitos dos quais negativos (falta de perspectivas para o futuro, dificuldade de acesso à escola e a um emprego), (*Ibidem*)

Assim, é para as autoras, difícil saber qual a percepção do jovens sobre com quem se deve iniciar a vida sexual e em que circunstâncias, já que as opiniões variavam entre o/a namorado/a e o/a marido/mulher, na base da discussão entre virgindade/castidade antes do casamento e a necessidade ou não de ter uma experiência sexual antes do casamento, para um melhor conhecimento entre o rapaz e a rapariga, (*Ibidem*). Mesmo assim, ficou claro para as autoras que, a maior parte das leituras que as adolescentes fazem sobre o exercício da sexualidade estão muito influenciadas por uma socialização marcada pela hierarquia típica de uma sociedade patriarcal, onde a virgindade, mesmo quando considerada uma situação ideal, já que é cada vez mais

rara em todos os meios, é dirigida à rapariga, porque é o homem quem deve ser o mais experiente, e “orientar” o exercício da sexualidade (Silva et al., 2007).

A realidade mostra que, na maioria dos países, os jovens carecem de informações pertinentes sobre saúde sexual e reprodutiva e direitos afins. A divisão da ONU para a População, estima que, 51% das raparigas africanas sexualmente activas, antes de passar dos 20 anos, tinham iniciado a sua actividade sexual antes do casamento. A proporção correspondente para os homens é de 90% (Comissão da União africana, s/d). Afirma ainda esta Comissão no seu relatório que, os jovens têm sido vistos como o futuro do continente. Contudo, quando o assunto é sua saúde reprodutiva, vários tabus ofuscam a visão da sociedade. Os factos são irrefutáveis e falam por si: 90% dos homens e 50% das mulheres iniciam a sua actividade sexual antes de atingirem os 20 anos de idade. Assim nem as famílias, nem as escolas os preparam em termos da sua saúde sexual e reprodutiva. A consequência é que 20% dos nascimentos são atribuídos aos adolescentes com idade entre os 15 e 19 anos, (*Ibidem*). Enfrentar a questão da saúde reprodutiva, não é fácil, nem para as famílias, nem para as escolas. Deste modo, a experiência dos países africanos e de muitos outros países em desenvolvimento, desde a independência têm mostrado que nenhum sucesso é possível sem igualdade entre homens e mulheres, (*Ibidem*). E o argumento é ainda mais válido quando se trata de saúde sexual e reprodutiva e direitos afins. As mulheres africanas, estão expostas a pobreza, doenças, analfabetismo e são vítimas de morbidade e mortalidade ligadas a gravidez, (*Ibidem*).

1.3 Abordagens sobre a Virgindade

A questão da Virgindade é tratada de forma diferente, (Miranda e Araújo: 2006). O cristianismo inicialmente era contra a ideia de a mulher casar-se, pois valorizava a virgindade como algo sagrado. O direito de ter relações sexuais para a mulher, só poderia ocorrer através do casamento e com único intuito de procriar, pois era proibido ter desejos carnis. Assim, era aconselhado às mulheres privações como: não tocar-se, não ver-se, comer pouco e ingerir alimentos que deixassem o corpo frio e seco, (*Ibidem*).

Já na sociedade Inca, a relação com a virgindade era totalmente oposta à mentalidade europeia. A virgindade era considerada uma desvantagem para a mulher inca, pois se entendia que a mulher que casava virgem era a que não tinha capacidade para ser amada por outros homens, (*Ibidem*).

Todavia, a virgindade é um aspecto importante e comporta uma série de penalizações no caso em que a rapariga não for virgem na altura do casamento, (Mariano: 2010). Os homens desejam uma rapariga virgem, para “cozinhar numa panela limpa”, onde limpa significa que o útero não deve ter sido tocado por um outro sangue, isto é, pelo sêmen de outro homem, (*Ibidem*). Os grupos que praticam a compensação matrimonial (lobolo), o bem material ou monetário entregue aos pais da noiva, aumentam com condição de virgindade da menina. “Uma mulher virgem é uma mulher estável e seca”, (Mariano: 2010). Os pais recebem um prémio por terem educado e garantido a “conservação” da filha até ao casamento. A razão da importância da virgindade “natural”, portanto está principalmente ligada a possibilidade de os pais obterem uma melhor compensação material, mais do que as considerações sobre a pureza da menina, a sua honra e aquela dos seus familiares, (Mariano: 2010). A virgindade pode ser “reconstruída” mediante o uso de certos procedimentos, por inserção e aplicação de produtos vaginais. No contexto das relações entre homem e mulher, a virgindade, mesmo que não seja natural, serve para conferir maior prazer sexual ao homem, (*Ibidem*).

Os significados da virgindade real ou fictícia, a alterabilidade do corpo feminino nas relações sexuais e no processo matrimonial constituem-se como elemento importante na análise do género, (Mariano: 2010).

Este capítulo é parte de um estudo realizado pela autora na província de Tete, em Moçambique. A mesma toca na questão da virgindade, como ela é interpretada pelos indivíduos (homens e pais das raparigas), que significados ela têm, porém, não mostra como as raparigas percebem a questão da sua virgindade. A autora mostra que as mulheres podem reconstruir sua virgindade para conferir maior prazer sexual ao

homem, mas, sem mostrar o que realmente as jovens adolescentes percebem em relação a essa questão.

Por outro lado, em Moçambique as mulheres ainda são vistas como subordinadas e como meros objectos de prazer para os namorados e esposos, o que torna difícil para elas recusarem a prática de relações sexuais, (Asdi: 2006). As taxas de prevalência do HIV/SIDA mostram que as mulheres, especialmente as jovens, são as mais afectadas no grupo etário de 15-24 anos, elas são mais susceptíveis de contrair doenças, o que significa que as raparigas iniciam a vida sexual mais cedo e talvez usem as relações sexuais como uma forma de sobrevivência, (Asdi: 2006). As atitudes perante a virgindade também são importantes: nas comunidades muçulmanas, espera-se que as mulheres sejam virgens enquanto que os homens são encorajados a ganhar experiência sexual, (*Ibidem*). A tolerância das práticas tradicionais, tais como a poligamia, a infidelidade masculina e o levirato também expõem as mulheres a um grande risco, (*Ibidem*).

Contudo, a virgindade era vista a princípio como um tabu, nada mais que um tabu que pregava que a mulher tinha que se entregar “imaculada” ao marido, ou seja, casar sem nunca ter tido algum tipo de relação sexual, (Goodson: 2010 *apud* Aldeia: 2010). Para este médico ginecologista, a sociedade erotiza o sexo, chamando a atenção para os riscos físicos do mesmo, esquecendo-se de outro ponto importante quanto a saúde do corpo: a mente saudável. E, um dos exemplos de erotização, diz respeito à forma como a sociedade encara a virgindade. O médico explica que, ser virgem não significa de maneira alguma estar fora do mundo actual, mas estar em um momento de reflexão. A pessoa virgem ainda não se sente preparada para enfrentar a relação sexual com a maturidade que ela merece, e isto não depende da idade.

Como as pessoas desconhecem este verdadeiro sentido da virgindade, torna-se antiquado ser virgem, (Goodson: 2010 *apud* Aldeia: 2010). Actualmente, muitos adolescentes preferem dizer diante da turma que já tiveram a primeira relação sexual, para não ser ridicularizados diante de comentários e piadas dos colegas, (*Ibidem*).

Os meios de comunicação social têm sido o meio mais forte de incentivo à vida sexual, (*Ibidem*). No entanto, este incentivo tem uma proporção infinitamente mais voltada para o lado negativo. "Na televisão, por exemplo, são muitas horas voltadas para o desrespeito ao próximo, para o incentivo de receber mais do que dar; e poucos minutos de orientação sexual adequada, principalmente para os adolescentes", (*Ibidem*).

A revisão de literatura que apresentamos, aborda a questão da sexualidade do ponto de vista de género e direitos humanos, uma vez que em Moçambique ainda existem desigualdades de género no trato entre as raparigas e os rapazes e ligado a este fenómeno, o facto de a escola como sendo um dos agentes de socialização, falhar no seu papel de prestar informação necessária aos jovens sobre a sua saúde reprodutiva, (Osório e Silva: 2008; Loforte: 2007, Mitano: 2011). A violência protagonizada nas escolas contra raparigas, por professores e colegas, muitas vezes, é negada, suportado pela matriz do modelo patriarcal que subordina as mulheres e as orienta para a sujeição, controlando-lhes o corpo e modelando a maneira como lhes é permitido viverem a sua sexualidade, (Osório e Silva: 2011). A família, como produtora de sujeitos sexuais, configura os papéis sociais de cada um. Assim, com a divisão de papéis, a família indica o lugar de cada um na esfera social, e muitas vezes, na esfera de subordinação da mulher, a partir do tipo de actividades inerentes a elas, (*Ibidem*).

Em relação a virgindade, alguns autores, apontam as razões que levam os jovens a iniciarem a vida sexual cada vez mais cedo (Mitano: 2011), (Silva et all: 2007). As mesmas que vão desde as necessidades biológicas por parte dos rapazes e a necessidade de corresponder a essa necessidade por parte das raparigas, e por outro lado, a falta de informação sobre educação sexual pelos diferentes agentes de socialização, o que expõe aos jovens á práticas consideradas de risco, que incluem, gravidez precoce, HIV/SIDA, e relações sexuais prematuras.

Deste modo, esta pesquisa pretende reflectir sobre a questão da virgindade nas adolescentes, uma vez que se trata de um tema pouco aprofundado na área da Sociologia em Moçambique. Como referem alguns autores é difícil saber qual a percepção dos jovens sobre com quem se deve iniciar a vida sexual e em que

circunstâncias, já que as opiniões variavam entre o/a namorado/a e o/a marido/mulher, na base da discussão entre virgindade/castidade antes do casamento e a necessidade ou não de ter uma experiência sexual antes do casamento, para um melhor conhecimento entre o rapaz e a rapariga, (Silva et all: 2007).

A problemática desta pesquisa surge, na medida em que se pretende identificar a percepção que as adolescentes têm acerca da preservação da virgindade, e por outro lado, identificar a influência que o grupo de pares têm para a percepção e preservação da mesma. Assim, temos a seguinte pergunta de partida:

Como é que o grupo de pares influencia a construção das percepções que as adolescentes tem acerca da preservacao da virgindade?

CAPÍTULO 2

ENQUADRAMENTO TEÓRICO E CONCEPTUAL

O nosso trabalho de pesquisa, enquadra-se na abordagem construtivista, com enfoque na obra de (Berger e Luckmann: 1978), “A Construção Social da Realidade: Tratado de Sociologia do Conhecimento”.

Tomando a preservação da virgindade como o resultado da construção social, é interpretada pelos indivíduos tendo em conta o conhecimento da vida quotidiana ou da transmissão de valores que vão assumindo.

Berger e Luckman (1978) na obra “A Construção Social da Realidade: Tratado de Sociologia do Conhecimento”, têm como propósito efectuar uma análise sociológica do conhecimento que dirige a conduta humana na vida diária. Estes autores analisam o conhecimento do senso comum como parte integrante de todos aspectos da vida quotidiana, porque segundo eles, este conhecimento é por excelência o conhecimento do mundo da vida quotidiana.

A vida quotidiana para estes autores, apresenta-se como uma realidade interpretada pelos homens e subjectivamente dotada de sentido para eles na medida em que forma um mundo coerente” ou seja, cada indivíduo possui a sua interpretação particular e pessoal da realidade da vida quotidiana, (Berger e Luckman, 1978:35). Portanto, estas interpretações constituem o senso comum e que respondem às preocupações dos indivíduos, fazemos uso do conhecimento do senso comum de forma natural, tomando o mundo da vida quotidiana como uma realidade certa.

O mundo da vida quotidiana tem sua origem no pensamento e na acção dos homens comuns, sendo afirmado como real por eles. Portanto, é no quotidiano, em interacção,

que os indivíduos constroem o seu conhecimento e dão “vida” ao mundo da vida quotidiana.

A existência no mundo da vida quotidiana, está condicionada pela interacção com outros indivíduos, portanto, “não se pode existir na vida quotidiana sem estar continuamente em interacção e comunicação com os outros”, (Berger e Luckman: 1978). Esta interacção e comunicação com os outros só se tornam possível se existir uma contínua correspondência entre os meus significados e os significados do outro.

A realidade da vida quotidiana é para estes autores a que se apresenta como sendo a realidade por excelência. A vida quotidiana impõe-se á nossa consciência de forma maciça, urgente e intensa sendo difícil ignorá-la e diminuir a sua presença imperiosa.

Deste modo, a partir desta teoria, pudemos captar as percepções que as adolescentes têm acerca da virgindade, pois, esta teoria, permite uma interacção entre o indivíduo e os outros. Assim, a partir da interacção que as adolescentes estabelecem com seu grupo de pares, pretendemos identificar a influência que este grupo exerce sobre o mesmo.

2.1. Quadro conceptual

A realização deste trabalho passa pela definição de cinco conceitos fundamentais, nomeadamente: sexualidade, adolescência, virgindade e grupo de pares, Percepção social

2.1.1 Sexualidade

Sexualidade é um microcosmo onde se actualizam as identidades de género, pertença de classe, trajectórias sociais (Heilborn, 2005:62 *apud* Osório e Silva: 2008).

A sexualidade engloba as emoções, os comportamentos e as atitudes que estão associados não apenas ao ser capaz de procriar, mas também aos padrões sociais e pessoais que acompanham as relações físicas íntimas, durante a vida do indivíduo, (Brandão e Heilborn: 2008 *apud* Mitano: 2011),

A sexualidade vai também para além do acto sexual. Pode ser definida como forma de expressão dos afectos, uma maneira de cada adolescente se descobrir e descobrir os outros. A sexualidade engloba a identidade sexual (masculina e feminina); os afectos e auto-estima; as alterações físicas e psicológicas ao longo da vida; o conhecimento anatómico e fisiológico do homem e da mulher; a higiene sexual; a gravidez, a maternidade e a paternidade, os métodos anticonceptivo; as doenças sexualmente transmissíveis; os transtornos sexuais, entre outros, (Sprintall e Collins: 1999 *apud* Mitano: 2011).

A Sexualidade humana é um processo evolutivo que começa ao nascer e se estende por toda vida. Implica amor, tesão, erotismo, carícias, troca de intimidade, e também os aspectos estéticos, atracção e a sintonia entre dois indivíduos, (Morais de Sá et all: 2000)

2.1.2 Adolescência

O conceito de adolescente varia de lugar para lugar, e é moldado por diferentes factores tais como, classe social, situação económica, religião, sexo, raça, etc.

Adolescência pode ser definida como uma etapa intermediária do desenvolvimento humano, entre a infância e a fase adulta. Este período é marcado por diversas transformações corporais, hormonais e até mesmo comportamentais. Não se pode definir com exactidão o início e fim da adolescência (ela varia de pessoa para pessoa), porém, na maioria dos indivíduos, ela ocorre entre os 10 e 20 anos de idade (período definido pela (OMS: 2000 *apud* Troster e Oselka: 2000)

Em Moçambique são considerados adolescentes crianças com idade correspondente entre os 12 a 18 anos.

Adolescência é também um processo complexo de metamorfose entre a criança e o adulto, com certas regras de jogo às quais nenhum ser humano pode escapar, suas manifestações comportamentais variam de forma dramática, dependendo do modo de comportamento padronizado por cada cultura, (Carvajal: 1998).

2.1.3 Grupo de pares

O grupo dos iguais (ou pares) é um importante factor de socialização, exercendo uma particular influência no fim da infância e na adolescência, segundo (De Martins: 2006). Trata-se de fases em que os indivíduos conquistam uma identidade relativamente estável, muitas vezes através de uma reacção negativa perante os modelos apreendidos na família e na escola. O grupo dos iguais é muito importante, porque propõe novas normas e valores, no seio de uma dinâmica interactiva entre pares. Em tal dinâmica a socialização desenvolve-se fora de qualquer desígnio preordenado: as crianças e os rapazes podem descobrir os amigos e dialogar com eles sobre temas e assuntos quase sempre inabordáveis na família e na escola, destacando-se assim da influência destas, (De Martins: 2006).

As relações que se estabelecem entre os grupos de pares são mais democráticas do que as que existem entre progenitores e filhos, (*Ibidem*). O termo “pares” indica sujeitos “iguais” em que as relações de amizade entre crianças tendem a ser razoavelmente igualitárias. Estando baseadas no mútuo consenso, mais do que na dependência, como é típico da situação familiar, as relações entre pares prevêm uma intensa troca de dar e receber, num contexto de interacção em cujo seio as regras de conduta podem ser postas à prova e exploradas. “As relações entre pares permanecem, muitas vezes, importantes para toda a vida”, (De Martins: 2006)

A maioria dos adolescentes, inevitavelmente dá muito mais importância ao seu grupo de amigos do que à sua família, (*Ibidem*). Esta se ressentindo, tenta reverter a situação conversando ou então alertando sobre o perigo das “más” companhias, mas tudo é inútil, (*Ibidem*). O que acontece de fato, é que os adolescentes precisam dessa convivência para desenvolver habilidades sociais que começaram a adquirir com a família, papéis sociais importantes como liderança, par sentimental, amizades permanentes, e tantos outros, que só são aprendidos na convivência com o grupo de pares. Se a família inibe esse exercício, terá consigo um indivíduo com habilidades sociais pouco desenvolvidas e, o que é pior, com a exigência dessa mesma família para que viva os papéis que não ensinou, de forma inteligente e bem-sucedida, (*Ibidem*).

Para a Equipe de Saúde do Adolescente SPAIS/SES, consultada a 29 de Fevereiro de 2012, os grupos não se formam de modo instantâneo mas são resultado de sucessivas avaliações e interações entre iguais, (SPAIS/SES: 2012). Decorrente da passagem da infância para a adolescência o jovem experimenta diversos contactos com os outros que influenciam directamente a formação dos grupos (Sprinthall e Collins: 1988 *apud* SPAIS/SES: 2012). Enquanto na infância os indivíduos pertencem a um determinado grupo de modo a que possam participar em actividades como jogos ou brincadeiras, na adolescência, os jovens estabelecem relações entre si visando a partilha de sentimentos e interesses em comum, (SPAIS/SES: 2012). Assim, os grupos desta fase são claramente mais estáveis, definidos e até mais selectivos do que os grupos da infância. Neste sentido, as raparigas ao valorizarem numa relação o calor humano e a compreensão acabam por ter conversas mais íntimas do que o outro sexo e ainda manifestam uma maior ansiedade no que toca à rejeição na relação. Superficialmente as relações entre as raparigas são mais exclusivas e íntimas relativamente às dos rapazes, (*Ibidem*).

O grupo de amigos têm, cada vez mais importância na fase da adolescência, na medida em que os ajuda a afirmarem-se como eles próprios, por oposição aos outros, (Cortesao et al: 2005). Ao mesmo tempo começam a distanciar-se dos pais, condição de acesso a um certo grau de autonomia necessária para que, “o jovem pássaro se torne capaz de levantar voo” (*Ibidem*). A influência quer do grupo de pares quer dos pais na evolução da personalidade do pré-adolescente não é monolítica e vai depender da evolução dele próprio relativamente a situações específicas, ele começa a formular os juízos de valor, (*Ibidem*). Na adolescência, continuam os autores supracitados, os amigos tornam-se mais importantes. Formam-se grupos em relação aos quais existe um sentimento de pertença. Há, muitas vezes, um código de comunicação próprio, partilha-se a maneira de vestir e de pensar. O grupo têm uma influência determinante no comportamento de cada um. Existe ainda preocupação em corresponder a estereótipos comportamentais e físicos, (*Ibidem*).

As amizades entre adolescentes do mesmo sexo são frequentes, associadas a uma inibição em relação ao sexo oposto por ser sentido como desconhecido. O jovem terá

facilidades de conversar com o outro que está também em mudança e lhe é semelhante, (Cortesão et al, 2005:36 e 37).

2.1.4. Virgindade

Como referimos anteriormente, a virgindade era um tabu, nada mais que um tabu que pregava que a mulher deveria se entregar “imaculada” ao marido, ou seja, casar sem nunca ter tido algum tipo de relação sexual (Goodson: 2010 *apud* Aldeia: 2010). A virgindade continua sendo um tabu. A mulher é virgem enquanto nunca tiver tido um relacionamento sexual, (*Ibidem*). Entretanto, para permanecer virgem, a mulher procura formas alternativas de sexo, tal como o sexo anal e o oral. O termo virgindade em si, actualmente está muito mais ligado à inocência, falta de experiência, intimidade entre outras coisas, do que radicalmente o rompimento da hímen, (Aldeia: 2010)

A virgindade é caracterizada pela ausência de relações sexuais, do nascimento até o presente momento. Entretanto, é também controverso este tipo de abordagem, já que não existe apenas uma modalidade sexual. Independentemente do que seja realmente a virgindade, algumas questões relativas à sexualidade devem ser ressaltadas. Uma das principais talvez seja a maturidade, tanto física quanto emocional, para a prática de tal ato; considerando que doenças sexualmente transmissíveis, gravidez indesejada, ou mesmo sequelas emocionais são factores cuja pessoa de vida sexualmente activa não está imune.

O conceito virgindade é construído pela sociedade, baseado em critérios tanto biológicos quanto sócio-culturais, e desta forma pode variar grandemente entre as culturas sendo muito valorizado em alguns meios sociais ou religiosos, especialmente no que diz respeito à preservação da virgindade antes do casamento, (Bueno: 1980).

A ideia de virgindade pode ser definida como a retirada do hímen. Isso define a pessoa desprovida de qualquer tipo de relação sexual, (*Ibidem*). O hímen é uma membrana situada na vulva que bloqueia parcialmente a entrada da vagina. Aparece

em certos mamíferos para proteger as fêmeas durante a sua infância dos riscos de infecções, daí durante esta fase da vida das meninas ser uma membrana relativamente espessa e resistente, (*Ibidem*). No entanto com o aproximar da puberdade, essa membrana torna-se muito fina e pouco resistente, é muitas vezes rompida durante a primeira penetração do pénis na vagina, (*Ibidem*).

No entanto, usar a integridade do hímen como indicação de virgindade é relativamente enganador. O hímen pode ser destruído por actividades ou acidentes físicos diversos, como a prática da ginástica, ou ainda com algum movimento mais bruto, e um hímen preservado não exclui penetração vaginal, (Bueno: 1980).

2.1.5. Percepção social

É definida como uma actividade mental do indivíduo em contacto com a realidade ou ainda, na maneira de se relacionar com o mundo, como fruto de contacto que se tem com esse mundo. Trata-se aqui da forma como o indivíduo se apropria da realidade e como se relaciona com ela. Sendo assim, só é perceptível o que já esteve em contacto e faz parte da sua experiencia. Percepcionamos algo que sabemos que existe e com ele nos realcionamos, (Clemente, 1997 *apud* Lopes, 2010)

Para Peter Berger e Thomas Luckmann (1990 *apud* Lopes, 2010), percepção social é uma actividade psicológica e qu não deve ser analisada nuna única vertente, mas associá-la ao contexto que o indivíduo se encontra. Sendo assim, a percepção do indivíduo vai depender também das consições sócio culturais do contexto que o rodeiam.

2.2. Operacionalização de Conceitos

Neste trabalho, usamos os seguintes conceitos: adolescência, grupo de pares e virgindade, pois estes vão de acordo com a realidade estudada.

2.2.1. Adolescência

Adolescência pode ser definida como uma etapa intermediária do desenvolvimento humano, entre a infância e a fase adulta. Este período é marcado por diversas transformações corporais, hormonais e até mesmo comportamentais. Não se pode definir com exactidão o início e fim da adolescência (ela varia de pessoa para pessoa), porém, na maioria dos indivíduos, ela ocorre entre os 10 e 20 anos de idade (período definido pela (OMS: 2000)

Este conceito varia de lugar para lugar e é moldado por diferentes factores. Suas manifestações variam dependendo do modo padronizado por cada cultura, ou seja, o conhecimento é relativo a cada sociedade. Assim, o conceito de adolescência vai depender da forma e estrutura de organização de cada sociedade. Vai ser o resultado da construção social de cada sociedade. Cada sociedade vai ter sua forma de definir este conceito, pois, o conhecimento sobre determinados factores ou fenómenos são relativos a cada sociedade, (Berger e Luckmann:1978)

2.2.2 Grupo de pares

Grupo de pares é definido como sendo grupo dos iguais, (De Martins: 2006). São grupos onde as relações de amizade entre os adolescentes tendem a ser razoavelmente igualitárias, estando baseadas no mútuo consenso, mais do que na dependência, como é típico da situação familiar. Estas relações de amizade entre os pares prevêm uma intensa troca de dar e receber, num contexto de interacção em cujo seio as regras de conduta podem ser postas à prova e exploradas.

Este conceito pressupõe a existência de interacção entre os indivíduos, só deste modo eles poderão se comunicar, propor novas normas e valores. Berger e Luckmann, (1978), afirmam que não se pode existir na vida, sem estar continuamente em interacção e comunicação com os outros. Este grupo de pares, só existe, porque existe uma correspondência entre os significados do indivíduo e dos outros.

2.2.3. Virgindade

A ideia de virgindade pode ser definida como a retirada do hímen, ou seja a pessoa desprovida de qualquer tipo de relação sexual, (Bueno: 1980).

Este conceito é construído pela sociedade, baseado em critérios tanto biológicos quanto sócio-culturais, e desta forma pode variar grandemente entre as culturas sendo muito valorizado em alguns meios sociais ou religiosos, especialmente no que diz respeito à preservação da virgindade antes do casamento, (*Ibidem*).

Não existe uma única forma de definir a virgindade. Visto que o conhecimento que temos sobre as coisas é construído (Berger e Luckmann:1978), a ideia de virgindade, será relativa a cada sociedade. Portanto para nosso trabalho definimos virgindade como o indivíduo desprovido de qualquer tipo de relação sexual, pois, deste modo, poderá ser apreendido e compreendido. Mas, o conhecimento sobre virgindade vai ser construído no cotidiano dos indivíduos através das interações que estabelecem, pois, é no cotidiano e em interação que os indivíduos constroem seu conhecimento e dão sentido ao mundo da vida, (Berger e Luckmann:1978)

CAPÍTULO 3

METODOLOGIA

3.1 Métodos de Abordagem

O método de abordagem, Indutivo foi crucial na realização desta pesquisa. Este método, parte do particular como um produto posterior do trabalho de colecta de dados (Gil: 1999). De acordo com o raciocínio indutivo, a generalização não deve ser tomada aprioristicamente, mas constatada a partir da observação de casos suficientemente confirmados dessa realidade.

Neste método, parte-se da observação de factos ou fenómenos cujas causas se deseja conhecer. A seguir procura-se compará-las com a finalidade de descobrir as relações existentes entre elas. Por fim, procede-se a generalizações, com base na relação verificada entre os fatos ou fenómenos.

Desde modo, a partir das informações individuais que colhemos, tornou-se possível analisar os casos nas suas especificidades, de modo a chegar a uma conclusão sobre o assunto em estudo.

3.2 Métodos de Procedimento

O método biográfico, ou simplesmente, história de vida, foi o método de procedimento privilegiado para a recolha das percepções que as adolescentes têm acerca da virgindade. Segundo a autora (Gobbi: 2006), *escrever uma história de vida é uma possibilidade singular de mergulhar no passado, no íntimo dos entrevistados. É a dicotomia entre o real e o pessoal, a produção e a ruptura*. Assim, historia de vida “(...) é um relato da experiência individual que revela as acções de um individuo como actor humano e participante na vida social”. Este método têm como função: reconstruir e explicar as modalidades específicas que são adoptadas, os significados e os impactos contidos na curva integral da vida de um personagem determinado, ou de

um indivíduo eleito. Personagem como o indivíduo que se encontra necessariamente inserido dentro de um contexto múltiplo também específico

A partir deste método, realizamos uma entrevista á duas adolescentes com perguntas abertas e fechadas como forma de completar algumas informações sobre a virgindade e grupo de pares. Este inquérito, permitiu captar mais detalhes que não foram possíveis de completar com o método do grupo focal. História de vida permitiu analisar de forma mais particular as opiniões das adolescentes acerca da virgindade. Permitiu compreender com mais detalhes o modo como elas constroem suas ideias, a partir da análise que fizemos da convivência que elas têm com os grupos.

3.3 Técnicas de recolha de dados

Para a realização do trabalho, usamos a técnica do Grupo focal, que se apresenta como uma técnica de pesquisa qualitativa com o objectivo de perceber os aspectos valorativos e normativos que são referência para um grupo particular. É na verdade uma entrevista colectiva que busca identificar tendências. A maior busca é de compreender, e não inferir ou generalizar (Costa: 2006).

O grupo focal, como ferramenta de pesquisa qualitativa, ajuda a identificar tendências, o foco, desvenda problemas, busca a agenda oculta do problema. Permite, aprofundar a reflexão em busca do essencial, do sentido dos valores, dos princípios e motivações que regem os julgamentos e percepções das pessoas (Costa: 2006).

O grupo alvo da pesquisa foi seleccionado de acordo com o sexo e nível académico, que foi o mesmo, como forma de evitar inibições para responder ás questões. Foi seleccionado também de acordo com a idade. Em seguida, elaboramos o guião de entrevistas para este grupo alvo. Usamos a técnica do grupo focal na escola a número de 24 adolescentes da 11 classe. As participantes estavam dispostas numa sala de aulas. Para a recolha de dados, fez-se primeiro a apresentação do entrevistador e a introdução do trabalho e os objectivos, e seguido de pedido nosso para as entrevistadas para a realização da entrevistas. Explicou-se que não se tratava de uma avaliação, que não seriam identificadas pelos nomes, por isso usamos números para

identificarmos as entrevistadas, que podiam responder sem medo de errar, que não era de carácter obrigatório e reforçou-se a importância da participação de todas.

Por fim, foram distribuídos os guiões de entrevistas. As perguntas eram colocadas uma a uma as entrevistadas e estas respondiam oralmente em forma de debate, ao mesmo tempo que respondiam no guião. A recolha de dados foi feita em 1h.

Visto que o grupo focal se apresentou como insuficiente na recolha dos dados, recorremos ao método biográfico (história de vida), num segundo momento. Este nos permitiu recolher 2 histórias de vida de modo a preencher o vazio deixado pela técnica do grupo focal. As duas entrevistadas fora, seleccionadas a partir das respostas que ofereceram. Foram as que mais abertura mostraram para tratar do assunto da virgindade.

3.4. Delimitação do Universo

O universo estudado, diz respeito à adolescentes que vivem na cidade de Maputo, e serviu de amostra as adolescentes da Escola Secundária Josina Machel da 11ª classe, na cidade de Maputo, com uma idade compreendida entre os 15 aos 19 anos de idade. Usamos uma amostra de 24 adolescentes. As estudantes foram encontrados dentro das salas de aula, pois esta forma facilitou a sua localização, por não estarem dispersos. A técnica do grupo focal, facilitou diálogo entre os participantes e a recolha dos dados.

Neste trabalho, observamos considerações éticas:

1-Os nomes por nós usados ao citarmos alguns depoimentos são fictícios, como forma de salvaguardar a identidade dos participantes;

2- Referir que nenhuma das entrevistadas foi obrigada a responder as questões aplicadas. As entrevistas foram conseguidas através de diálogo com as entrevistadas, Identificamos a existencia do grupo de pares na vida das adolescentes, através das questões que colocamos as entrevistadas.

Para a redacção da monografia, os números usados na altura das entrevistas, foram substituídos por nomes escolhidos por nós, para preservar a identidade das entrevistadas. Para fazer a leitura dos dados, seleccionamos e agrupamos os depoimentos que continham respostas semelhantes sobre determinadas questões e fazíamos sua leitura com base na teoria de base ou no conceito do nosso trabalho

3.6 Limitações do estudo

Para a concretização deste trabalho, enfrentamos alguns desafios. O primeiro desafio relaciona-se com a técnica de recolha de dados, o grupo focal. Este método requer exige a recolha de informações numa espécie de seminário, acompanhado de uma plateia, onde os entrevistados respondem oralmente as questões á medida que são colocadas. A dificuldade surge na recolha das respostas, uma vez que requer muita atenção e dinâmica. O segundo desafio em relação a este método, foi a dificuldade que as entrevistadas mostraram em responder algumas perguntas íntimas em público. Questões relacionadas com a virgindade, relações sexuais, constituíram obstáculos para as entrevistadas. Este obstáculo foi ultrapassado á medida que explicávamos ás entrevistadas que a informação que nos concediam, seria tratada de forma segura e sigilosa. Que a entrevista nao tinha carácter avaliativo e que nao era obrigatório responde ás questões.

Outro obstáculo teve haver com a disponibilidade de espaço para a realização da pesquisa, uma vez que o nosso método, requeria um espaço onde as entrevistadas poderiam se concentrar. Assim, tivemos dificuldades para conceber um espaço e um tempo onde poderíamos encontrar as adolescentes ao mesmo tempo. Mas, com a ajuda da direcção da escola, foi-nos concebida uma sala de aulas na escola para a realização das entrevista

CAPÍTULO 4

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS DA PESQUISA

4.1. Localização geográfica e caracterização espacial da Escola

Apresentamos esta informação, para mostrar onde se encontra localizado o campo de estudo da pesquisa.

As primeiras instalações.

Em 1836, o governo colonial português, decretou o estabelecimento, em cada uma das capitais das províncias ultramarinas, de liceus que comportassem a instrução secundária estabelecida em Portugal. Embora o Liceu de Lourenço Marques tenha sido criado pelo decreto nº 3916 de 12 de Março de 1918, o mesmo só veio a funcionar pela primeira vez no dia 15 de Março de 1919 num edifício do largo Serpa Pinto, onde tinham sido instalados, sucessivamente, o Hospital da cidade, a Escola Comercial e Industrial 5 de Outubro, e uma espécie de Hospital militar (blogspot: 2010).

Durante trinta e três anos que o liceu se manteve no edifício da AV. 24 de Julho, muitas foram as dificuldades pelos quais passou, desde os problemas e resistências que foi preciso vencer, em ordem a acomodar todos os alunos que desejaram frequentar a escola, até á procura de novas instalação definitivas, o qual só veio a acontecer vinte e três anos depois, em 6 de Outubro de 1952.

O novo liceu Salazar (em alusão a António Salazar, reformador da nação e patrono do liceu) conservou até 1968 o seu nome de baptismo. Depois daí, ganhou o nome de Liceu 5 de Outubro que se manteve até pouco depois da independência, quando passou a denominar-se Escola Secundária Josina Machel, sob tutela do governo da nova Republica.

A nova escola, que ocupa uma área de 2900m², ergueu-se junto a Avenida Patrice Lumumba, de frente do Jardim dos professores. O edifício comporta uma área coberta

de 9201m² e é constituído por doze construções com três pisos, excepto três os pavilhões G, H, I, que possuem apenas dois pisos.

4.2. Perfil social das participantes da pesquisa

Este capítulo, pretendeu mostrar as características sociais do grupo alvo do trabalho, como forma de mostrar com quem trabalhamos.

A Escola Secundária Josina Machel possui um universo de 22 turmas da 11^a classe e, com uma média de 50 alunos por turma. Esta pesquisa envolveu um total de 24 alunas da 11^a classe, que eram nosso grupo alvo e que frequentam as aulas no período laboral. As alunas estudam a tempo inteiro e possuem idades compreendidas entre os 16 e 19 anos. Provêm de agregados familiares de 2 a 8 irmãos, residindo todas na cidade de Maputo, sendo, 76.9% das alunas dos bairros suburbanos, tais como, Malhangalene, Hulene, Mavalane, Ferroviário, Luís Cabral, Xipamanine, Mafalala, Polana caniço, Chamanculo e Matola Fomento e 23% provenientes dos bairros urbanos como, Alto-Maé, Sommerchild e Malhangalene

No que se refere ao estado civil, são solteiras, mas têm namorados e 22 delas que correspondem a uma percentagem de 90% têm uma vida sexual activa há 3 anos, nenhuma têm filhos e vivem com os pais. Quanto a fonte de rendimento, uma vez que não exercem actividades que lhes permitam obter algum rendimento, sobrevivem da renda dos pais e da família no geral, sendo estes responsáveis por prover alimentos, gastos com a saúde e a escola.

4.3. Relacionamento das adolescentes com a família

Ao abordarmos a família como espaço de socialização, primeiro contexto educativo e como produtora de sujeitos, neste capítulo, mostramos como a mesma, na sua especificação, contribui para a formação das percepções das adolescentes acerca da sua sexualidade e virgindade, a partir do relacionamento que estas têm com a família (Pais e irmãos), e que tipo de informação as famílias deixam passar para as adolescentes.

Partimos do princípio que cada indivíduo é sujeito a múltiplos e variados processos de socialização ao longo da sua vida (Osório e Silva: 2008). A escola, a família, as redes de amizades e a exposição a diferentes meios de comunicação, contribuem com maior ou menor impacto para essa socialização e, de acordo com a trajetória de vida. Neste âmbito, os diferentes sujeitos vão formando as suas identidades pessoais através de processos mutáveis, particularmente no período da adolescência e da juventude.

Em Moçambique, as rápidas transformações económicas e políticas mundiais, também produziram uma série de impactos sobre a estrutura da família: por um lado o declínio da sua importância na transmissão de valores, principalmente os relativos a sexualidade e por outro lado a desestruturação da família tradicional e o surgimento de novas formas de famílias nucleares em substituição das alargadas (*Ibidem*).

A família como meio de pertença em que o jovem se reconhece e é reconhecido num conjunto de interação com o meio sociocultural, têm deste modo, o dever de prepará-lo para os diversos meios de sociabilidade a partir da transmissão de valores e informações (Osório e Silva: 2008).

Contudo, os dados obtidos pelo trabalho de campo demonstram uma situação diferente, dado que, o silêncio nas famílias tem minado a comunicação destas com os jovens, nas diversas matérias e principalmente as ligadas a sexualidade.

Deste modo, as adolescentes entrevistadas, classificaram as relações com as famílias como sendo temperamentais e difíceis, e também as classificaram- nas de normais:

“Meus pais são temperamentais, porque para conversarem comigo ou com meus irmãos, depende muito da disposição deles. Há dias que estão bem-humorados e outros não. Nós dependemos deles para iniciar uma conversa. (Elvira, 19 anos) ”

E, como salienta ainda a adolescente Solange:

“Minha família é difícil por falta de entendimento (...) Não nos dão espaço para falar quando queremos. Temos que esperar quando eles quiserem ou quando fazem perguntas. (Solange, 19 anos)”

Estes depoimentos mostram que existem diálogo entre a família e os adolescentes, porém, este diálogo é condicionado pelo temperamento dos pais. As famílias, ao se posicionarem desta forma, deixam transparecer que elas só têm o dever de transmitir e ensinar valores aos adolescentes e não que deva haver diálogo mútuo entre ambas partes, ficando assim as adolescentes inibidas para questionar, satisfazer suas dúvidas por falta de abertura.

Como referimos anteriormente, os adolescentes necessitam de acesso aos cuidados de saúde, aconselhamento e acesso aos serviços de informação sobre saúde sexual reprodutiva e direitos afins, que não os obtêm. Assim, quando o assunto tem a ver com a saúde reprodutiva dos jovens, vários tabus ofuscam a visão da sociedade, sendo que nem as famílias e nem as escolas preparam os jovens adolescentes em termos da sua saúde sexual e reprodutiva (Comissão da União Africana: s/d).

As famílias seleccionam as informações a passar aos adolescentes, optando por assuntos ligadas a escola, amizades, conduta moral, ética, etc. Quando o assunto diz respeito a sexualidade, a maioria opta pelo silêncio, exceptuando-se alguns casos raros em que o assunto da sexualidade é abordado, mas quando isso acontece, as mães é que são na maioria das vezes, responsáveis por passar as informações necessárias (*Ibidem*). As adolescentes entrevistadas, consideram ter uma relação muito fechada com a família e em muitos casos, evita-se discutir sobre sexo em família.

A questão do silêncio ou ausência de diálogo entre as adolescentes e os pais em matéria da sexualidade, remete-nos a discussão relacionada com o modelo de dominação patriarcal, onde devido a divisão de tarefas nas famílias, as mulheres são as responsáveis pelo cuidado com as raparigas, ensinando-as actividades domésticas como, cozinhar, lavar, cuidar dos irmãos mais pequenos e algumas coisas relacionadas a sexualidade, que as mães julgam que as adolescentes devam saber (Loforte: 2007). Os depoimentos que seguem, ilustra este tipo de situação.

“Minha mãe me explica algumas coisas (...), coisas de namoro (...), conversava comigo antes, quando eu tive o meu primeiro ciclo menstrual, ela me explicava, como fazer, como sentar, me ensinava a não “brincar” muito com os rapazes para não apanhar uma gravidez. Agora com meu Pai, não. Ele é mais tímido e não gosta de conversar. (Maura, 19 anos)

Assim, as famílias reproduzem este modo de ser social. Pelo modelo patriarcal, cabia as mulheres a tarefa de cuidar da sexualidade das meninas, poi isso, suas atitudes espelham este modo de pensar. Entao, é comum ás famílias agir desta forma, esta atitude espelha sua realidade social.

“Eu com minha mãe, tenho conversas informais, as vezes pergunto algumas coisas sobre sexo, mas ela não responde aquilo que eu quero ouvir, então eu não insisto. Com meu Pai, não converso nada. Só falo com ele quando preciso alguma coisa para escola. (Mónica, 18 anos).

Depoimentos das entrevistas permitiram constatar que mesmo quando há maior abertura nas relações mãe/filha, há limites nos temas a discutir entre ambas, quer impostos pela mãe ou pela filha, resultantes da socialização que ambas receberam.

No que concerne a existência de conversas relacionadas com a vida sexual nas famílias, os depoimentos das adolescentes mostram a quase inexistência de conversas sobre essa matéria. Normalmente os pais pensam que os adolescentes ainda são muito novos para tratar de certos assuntos.

“Não conversamos sobre educação sexual. Meus pais acham que ainda sou muito nova para falar sobre isso. Ou, quando pergunto, dizem que sou muito acelerada” (Chelsea, 17 anos).

Assim, as adolescentes recorrem a outros membros da família para conversar e tirar dúvidas relacionadas com o sexo, muitas vezes, as tias com quem têm uma certa intimidade, ou com as irmãs mais velhas que também mostrem uma certa abertura. As

entrevistadas indicam que mais fácil é falar com uma tia ou prima que não vive com elas.

“Eu converso sobre educação sexual com minha irmã. Quando ela não tem tempo, pergunto a minha tia, ou com meus amigos” (Sunaya, 18 anos)

Estes depoimentos, mostram que o facto de os pais não conversarem sobre educação sexual com os filhos, não significa que estes não tenham dúvidas ou necessidades nesta matéria, apenas precisam, que os pais tomem uma iniciativa. Assim, eles procuram outras fontes para satisfazer suas dúvidas.

“Eu falo sobre educação sexual com meus parentes mais íntimos, minhas primas e minhas tias. Falar com meus pais sobre isso é complicado, porque eles nunca falaram nada sobre isso, então eu não tenho coragem para perguntar” (Sandra, 18 anos).

As conversas restringem-se a conselhos relacionados com a protecção de gravidez, a necessidade de evitar relações sexuais desprotegidas, riscos de doenças. As discussões sobre a sexualidade continuam a ser evitadas. Assim, os discursos das jovens, não espelham relações próximas no tocante e afectivas com os pais no tocante a sexualidade e suas atitudes em relação a sexualidade, não assumem um carácter esclarecido e sim elas tratam deste assunto de forma escondida ou longe dos pais.

Esta forma de tratar o assunto principalmente por parte dos pais assim como por parte das adolescentes, faz com que elas pensem que a sexualidade seja um campo muito particular da vida que não deve ser tocado de forma leviana, ou que não deve ser tratado livremente com os pais.

A família não deixa perceber ao jovem, que do mesmo modo que fala abertamente sobre a escola, também se pode fazer em relação a sexualidade. Assim, as adolescentes vão construindo suas percepções e conhecimentos sobre a sexualidade num campo “minado” e silenciado, onde os tabus ofuscam e escondem o que elas realmente precisam de saber.

Outro dado constatado na pesquisa é que para além dos pais deixarem de dar informações acerca da sexualidade, suas atitudes exprimem desigualdades entre os rapazes e as raparigas. Quando questionadas, se haveria diferenças nos conselhos prestados aos rapazes e as raparigas, a maioria responderam que há diferenças e outras responderam não havia diferenças. Os pais, diferentemente das mães, preferem conversar mais com os rapazes sobre o sexo do que com as meninas. Este é mais um obstáculo no acesso as informações por parte das raparigas.

“Na minha casa há diferenças nos conselhos. Meu pai conversa muito com meu irmão sobre sexo, namoro. Quando ele tem dúvidas, meu pai responde. Mas quando sou eu, só diz para não namorar porque sou nova, tenho que estudar senão fico grávida” (Luísa, 19 anos).

Para além da diferença nos conselhos prestados aos rapazes e as raparigas, os pais se apresentam mais protectores as raparigas. Isto, explica-se pela socialização familiar patriarcal, onde as mulheres é que devem ser protegidas a sua sexualidade, são as raparigas mais sensíveis a coerção por parte da sociedade.

“Os meus pais “pegam muito no meu pé” (expressão usada neste discurso para mostrar que os pais exercem um maior controlo sobre a adolescente), dizem para eu brincar menos com os rapazes, por causa da gravidez precoce, enquanto com meus irmãos, já é diferente. Nunca dizem por exemplo para ele andar longe das meninas.” (Dorca, 18 anos).

Para os pais as raparigas são mais sensíveis e vulneráveis aos diversos riscos, por isso, quanto menos souberem, melhor, assim não terão ideia de experimentar.

“Minha mãe diz que, quem não sabe, não faz. Quando a pessoa já sabe, tem vontade de praticar o que aprendeu (Cláudia”, 16 anos).

Esta situação de desigualdade de género pode ser observada até nos horários que as raparigas e os rapazes têm para sair e voltar para casa. No geral os rapazes têm

autorização para voltar mais tarde, sem prestar contas aos pais, diferentemente das raparigas.

“A hora não é a mesma (...). Meus pais dizem que eles são rapazes e não nos devemos comparar a eles. Eles podem sair e voltar quando quiserem, basta avisar” (Edna, 18 anos).

Como também concorda Chica:

“Minha mãe não marca um horário, mas quando eu saio e chego tarde (22h), ela me olha com uma “cara feia”. Mas eu não ligo porque eu tenho que sair, tenho que namorar. Se ela me proibisse de sair eu sairia escondida. Não ia ficar em casa trancada só porque ela não quer” (Chica, 19 anos).

“O horário não é o mesmo para mim e para meus irmãos. Primeiro porque eles são homens, são mais velhos e não correm o risco de apanhar uma gravidez. Eu tenho que chegar a casa as 20h. Mas, não chego porque acho que é cedo. Quando me proibem de sair, uso minhas estratégias para fugir” (Cíntia, 18)

As relações conflituosas entre pais/filhos desenvolvem-se deste modo. Por um lado devido a característica (desobediência, agressividade) desta fase da adolescência e por outro lado, o facto de os pais assumirem uma postura de autoridade em relação aos filhos. O depoimento acima é exemplo de outros que mostra que o adolescente assume que tem uma vida própria, onde ele é que deve decidir sobre suas rotinas. Por isso, eles assumem que podem desobedecer algumas regras impostas pelos pais e fazer aquilo que deseja, ainda que seja á força.

Era nosso objectivo neste capítulo mostrar como a família, na sua especificação, contribui para a formação das percepções das adolescentes acerca da Sexualidade, a partir do relacionamento que estas têm com as mesmas, e que tipo de informação as famílias deixam passar para estas.

Portanto, dissemos acima que a família, sendo o primeiro e principal agente de socialização, é responsável pela formação das identidades juvenis e sexuais. Ela tem como tarefa a transmissão de informação, valores e ensinamentos aos adolescentes,

para que estes não se coloquem em situações de risco por falta de informação. Contudo isto não acontece devido aos silêncios e tabus que caracterizam a nossa sociedade, não permitindo que os pais desenvolvam um diálogo com os filhos. Assim, os jovens, por necessidade de informação, tentam buscá-la em outros meios (amigos,) ou com outros membros da família, desenvolvendo assim um distanciamento com os pais.

Aos pais cabe falar sobre escola, amizades e outros assuntos diversos não relacionados com a sexualidade. Por isso, os jovens vão caracterizando os pais de temperamentais, difíceis, o que mostra que eles carregam consigo necessidades de informação e de diálogo não satisfeitas.

Na família, pouco se discute a sexualidade. Verificamos que o diálogo entre pais e adolescentes é condicionado pelo temperamento dos pais. Assuntos ligados ao sexo são pouco debatidos na família, apesar de existirem alguns casos em que os adolescentes conversam com membros mais íntimos para eles, como primos, tias. Se não houver uma maior abertura e uma iniciativa por parte dos pais e tocar em assuntos ligados ao sexo, as adolescentes consultam em outros meios.

4.4. Educação na escola

Neste capítulo, procuramos mostrar a influência que a escola exerce na percepção que as adolescentes têm acerca da sexualidade e da virgindade, a partir dos seus discursos sobre os conteúdos que esta passa ou não para eles.

A escola como corpo social é, a par da família, um agente de socialização privilegiado (Osório: 2007). A escola entendida como a totalidade, de salas de aulas, de professores, de alunos, de programas, de métodos e de saber, é o lugar onde se reproduz e se legitima a ordem social (*Ibidem*). Assim, ela é tanto um mediador de um sistema de formação de saberes disciplinares, como lugar de estruturação das condutas dos actores sociais em presença em torno de valores referenciados a campos mais vastos da realidade social (*Ibidem*).

A análise dos depoimentos obtidos pelas entrevistas realizadas, indicam que a escola Josina Machel tem passado pouca informação aos jovens sobre a matéria de sexualidade. Os assuntos se limitam aos conteúdos curriculares definidos pelo Ministério da Educação.

Dos poucos casos, em que a escola passou informação sobre educação sexual, foi pelos grupos de activismo, neste caso a Geração biz e os conteúdos foram respeitantes aos riscos das doenças sexualmente transmissíveis. Assim, apenas 8% das adolescentes entrevistadas referiram ter recebido informações relativas a sexualidade deste grupo de activismo na escola.

“Com os professores não aprendemos nada sobre sexo. Eu aprendi com a geração biz. Os conteúdos eram, uso de preservativo e prevenção da gravidez precoce”, (Rosta, 19 anos).

Quando ha participacao de grupos de activismo, as informações prestadas em relação a sexualidade, tem a haver com os riscos que elas correm

“Nos na geração biz, falamos sobre saúde, (corrimentos, DTS,s, virgindade), e eu acho que isso é moda antiga. Sexo antes do casamento, para mim é moda antiga”. (Lúcia, 19 anos).

Assim, os depoimentos revelam que a escola ao se posicionar desta forma, vê o jovem como um aluno, com regras, deveres, direitos e papéis, circunscritos em torno da aprendizagem do conhecimento científico, o que faz com que se deixe de lado a componente, educação sexual, uma vez que este assunto não constitui matéria de debate entre alunos e professores.

Portanto, em relação a escola, sobressaem, embora em percentagem reduzida (8%) os grupos de activismos, como os que passaram alguma informação referente a educação sexual.

4.5. Relação com os amigos

Nesta secção, procuramos identificar como é que o grupo de pares ou de amigos influencia na percepção das adolescentes acerca da Virgindade.

Nas entrevistas realizadas, as adolescentes mostraram que estabelecem relações muito fortes com seus grupos de amigas, relações estas que não se estabelecem com as famílias, neste caso com os pais. Devido a falta de abertura nas famílias e nas escolas, as adolescentes recorrem aos grupos de pares para conversar e satisfazer suas curiosidades.

“Eu tenho uma boa relação com minhas amigas, porque as considero minhas irmãs. Nós estamos prontas para ajudar umas as outras em todos momentos. E quando estamos juntas, falamos de tudo.” (Lúcia, 19 anos).

“Minha relação com minhas amigas é saudável. É saudável porque nem sempre estamos de acordo umas com as outras, nos desentendemos, mas depois fazemos logo as pazes. Eu gosto de estar com elas porque conversamos sobre tudo, sexo, namoro, “tchilings” (palavra usada para expressar, passeios em grupos, normalmente nocturnos para locais de dança, namoro, etc). E para mim é sempre bom em primeiro lugar procurar conselhos nelas, do que nos meus pais” (Sandra, 18 anos).

Estes discursos, para além de mostrar que as adolescentes recorrem a outras redes de socialização, mostram que nesta fase as mesmas começam a distanciar-se dos pais e a gostar de estar mais com as amigas do que com eles.

As adolescentes, inevitavelmente dão muita importância ao seu grupo de amigos do que à sua família, ao preferirem conversar com os amigos do que com a família, ao mesmo tempo que reservam seus passeios aos amigos.

A família se ressentida e, tenta reverter a situação conversando ou então alertando sobre o perigo das “más” companhias, mas tudo é inútil (De Matins: 2006). O que acontece de fato é que os adolescentes precisam dessa convivência para desenvolver habilidades sociais que começaram a adquirir com a família, papéis sociais importantes como liderança, par sentimental, amizades permanentes, e tantos outros, que só são aprendidos na convivência com o grupo de pares (Ibidem).

Diferentemente do que acontece nas famílias e nas escolas, nos grupos de pares, os adolescentes têm mais abertura para falar de assuntos relacionados com a educação sexual. Isto, porque se trata de indivíduos do mesmo sexo e quase da mesma faixa etária. Nestes grupos os tabus são colocados de lado, e cada um dá um pouco do que sabe para o outro. Assim, as adolescentes afirmam nos seus depoimentos que partilham informações, trocam conselhos e se influenciam a partir do que falam e fazem. Os grupos de pares aparecem como tubos de escapes, para a necessidade de informação que as jovens têm.

As adolescentes afirmaram que trocam conselhos umas com as outras, e que isso era bom, porque ficavam mais esclarecidas.

“Eu e minhas amigas nos aconselhamos. Por exemplo quando conheço um moço e ele me pede em namoro, eu pergunto as minhas amigas. Às vezes elas conhecem o moço melhor do que eu. E elas me dizem se dá ou não para aceitar” (Victoria, 18)

“Eu costumo perguntar minhas amigas se já dá para “transar” (expressão usada para se referir a prática da relação sexual) com meu namorado. Elas às vezes me dizem para esperar. E eu espero, quando sinto que elas têm razão. As vezes me aconselham no que vestir, me dizem se estou ou não “matreca” (palavra usada para indicar que esta fora da moda, fora daquilo que é comumente usado e praticado) com certas roupas” (Maura, 19)

Nos grupos de pares, há uma relativa tendência para falar de assuntos relacionados com sexo apenas.

As adolescentes veem os grupos como lugar de “fofoca”, troca de intimidade. Nestes, quase não se fala da educação escolar com tanta força como se fala do sexo. As adolescentes entrevistadas afirmam que conversam sobre sexo, dança, passeios e às vezes sobre escola.

Assim, o facto de estes jovens se confrontarem simultaneamente com valores diferentes produzidos em espaços diferentes, faz com que a construção identitária e as percepções sejam construídas de forma não padronizada.

As redes de sociabilidade, como os grupos de pares, muitas vezes se formam, porque, uma vez crescido e inserido na escola, o jovem fica exposto aos grupos e uma vez lá, torna-se inevitável o relacionamento com os mesmos e posterior influência de uns para com os outros, ainda que o adolescente não perceba esta influência, já que ele é também membro do grupo e produtor das normas e regras que o regem.

Sobre os aspectos positivos da convivência com as amigas, as adolescentes foram unânimes em responder que existem muitos, pois, estas se divertiam muito e trocavam conselhos, partilhavam segredos e aprendiam umas com as outras.

“Minha relação com elas é muito boa. Nós nos damos muito bem, nos aconselhamos, trocamos segredos, ideias. Quando elas me chamam atenção sobre um certo assunto, eu presto atenção e me corrijo. Eu tinha o hábito de ouvir tudo o que meu namorado falava e sem dizer nada. Minhas amigas me disseram que eu tinha que agir, dar minha opinião, agora eu também falo. Quando é não, é não” (Maura, 19 anos).

Esta ideia também é partilhada pela Lúcia:

“Eu convivo bem com minhas amigas, até mais do que convivo com minha mãe. Porque com elas não tenho receio nem vergonha para perguntar e desabafar. Agora imagina se eu tivesse que perguntar meu Pai se já posso ter relações sexuais, ou contar a ele que gosto de ter relações sexuais com meu

namorado, isso seria morte para mim. Eu acho até que meu Pai sabe que já não sou virgem, mas ele nunca me perguntou e finge que não pensa nisso” (Lúcia, 19 anos).

Nesta fase da adolescência, os jovens, não só recebem influência do seu grupo de pares, como também são capazes de formar suas próprias opiniões, que lhes permitem escolher que atitudes tomar perante situações diferentes. As adolescentes entrevistadas consideram as amigas não levam uma vida sexual boa. Isto porque, para elas, as amigas se envolviam em situações de risco e se envolviam sexualmente por interesses materiais.

“A vida sexual que minhas amigas levam, não é muito boa, porque muitas delas se envolvem com homens por interesses. Elas só pensam em se aproveitar deles, elas até podem ter namorados da idade delas, mas têm “pitos” (refere se aos parceiros sexuais não considerados namorados com o qual não se pretenda ter um relacionamento de compromisso) casados para lhes dar dinheiro” (Maura, 19 anos).

Estes depoimentos mostram ainda como as adolescentes também opinam sobre alguns comportamentos decorrentes no seu grupo de pares.

“A vida não é nada boa, porque elas pensam em abandonar a escola e ter filhos cedo. Porque elas namoram com homens adultos que já querem uma mulher para casar, assim se elas querem ficar com ele, terão que aceitar”(Sandra, 18 anos).

“Hoje em dia é muito triste o que se vê, porque as pessoas quando se envolvem com alguém não conseguem ser sérias. Muitas meninas têm a vida sexual porque querem alcançar algum objectivo. E outras até vão a “Rua Araújo” para se prostituírem, isto porque gostam de dinheiro. Eu tinha amigas e conheço muitas meninas daqui da escola que estão lá e outras vão só para

imitar, então é muito triste. Agora a nossa escola é muito mal falada, por causa deste tipo de coisas” (Chica, 19 anos).

Apoiando-se em Berger e Luckmann (1978), este depoimento confirma que cada indivíduo tem sua interpretação particular da realidade social. Ainda que os adolescentes recebam influências dos grupos de pares, estes, tem também sua opinião sobre aspectos da realidade social.

4.6. Vida sexual da adolescente.

Neste capítulo, procuramos, perceber como as adolescentes lidam com o início da vida sexual, que recursos e acções adoptam nesta fase para enfrentarem esse fenómeno.

Assim, visto que a socialização não acontece só na família, procuramos também perceber como as adolescentes gerem os diversos discursos e as diferentes informações recebidas dos vários espaços, como a escola e os grupos de pares.

Deste modo, quase todas adolescentes entrevistadas com idades compreendidas entre os 16 e 19 anos, afirmaram ter uma vida sexual activa, o que significa que namoram, praticam relações sexuais a mais de 3 anos, e que mais de metade das adolescentes perdeu a virgindade aos 13 e 14 anos.

Os dados de um relatório publicado em 2006 pelo ASDI indicam que as adolescentes iniciam a actividade sexual muito cedo e gravidezes entre elas são comuns, particularmente nas zonas rurais onde as raparigas podem ser forçadas a casamentos prematuros depois dos ritos de iniciação (Asdi: 2006).

A respeito disto, a Declaração e Plataforma de Beijing (1995), no seu relatório, indica que os tabus não permitem que a família e a escola cumpram com um dos seus deveres, o de passar informação necessária aos jovens sobre educação sexual. Isso faz com que eles se envolvam em práticas sexuais de risco que incluem relações sexuais cada vez mais cedo, gravidez precoce e doenças sexualmente transmissíveis.

Depoimentos da nossa pesquisa, mostram que o facto de não se discutir nos diferentes meios de socialização assuntos relativos á sexualidade, leva as raparigas a iniciar a vida sexual sem instrução.

Notamos nos depoimentos das adolescentes , que quando se trata de iniciar uma vida sexual ou namoro, os rapazes é que tomam a iniciativa, tanto para propor o namoro, como para propor a prática da relação sexual.

“Ele é que me pediu em namoro. Porque gostou de mim e ele é mais activo e eu sou tímida para essas coisas, e ele sendo homem é mais corajoso.” (Sandra, 18 anos).

Este depoimento indica por um lado a timidez das meninas, fruto do tipo de socialização familiar que receberam, e por outro lado a expressão das desigualdades de género, que neste caso, nem é sentida pelas raparigas. Pelo contrário, esta situação até favorece as raparigas, pois estas sentem que foram escolhidas pelos rapazes. Por outro lado, no modelo de dominação patriarcal, espera-se que seja o rapaz a tomar a iniciativa sobre o namoro e principalmente sobre a prática da relação sexual

“O meu parceiro é que me pediu em namoro, porque senti uma atracção por mim e eu acho que sou a mulher perfeita para ele”. (Amélia, 18 anos).

As relações que estas estabelecem com seus parceiros, muitas vezes não são definitivas. Estas terminam as relações quando sentem que já não as querem, por diversos motivos.

“Eu já tive relacionamentos sem compromissos, porque ás vezes tu olhas para alguém e imaginas coisas, sentes uma atracção, mas com o tempo vêes que aquela pessoa não era nada daquilo que você pensava. Então quando é assim, eu desisto da relação.” (Sheila, 18 anos).

Assim, as adolescentes mudam de parceiros ao longo da sua adolescência, o que significa que se relacionam sexualmente com pelo menos dois parceiros até aos 19 anos. Esta forma de agir, não é estranha ao grupo, pelo contrário, é uma atitude

compreendida pelos membros do grupo. Esta acção encontra suporte no grupo, é um dos seus modos de vida

Ao abordarmos sobre a prática da relação sexual, do total das entrevistadas (24), apenas 2 adolescentes de 18 anos afirmaram nunca ter praticado relações sexuais, o que significa que 22 adolescentes têm uma vida sexual activa. As 2 adolescentes, que consideramos virgens, de acordo com o nosso conceito de virgindade em (Bueno: 1980) segundo a qual “*A virgindade pode ser definida como a retirada do hímen, ou seja, seria a pessoa desprovida de qualquer tipo de relação sexual*”, apontam que não se sentiam ainda preparadas para iniciar a vida sexual.

“Ainda não iniciei a vida sexual porque tenho medo e ainda não me sinto preparada.” (Amélia, 18 anos).

As adolescentes sexualmente activas, apontaram como razão do seu início, o facto de estarem preparadas e também por causa de influência das amigas ou dos parceiros, que tem a iniciativa para a prática da relação sexual.

“Eu iniciei há 3 anos porque achei que estava pronta para começar” (Sheila, 18 anos).

“Eu sentia que estava na idade propícia para iniciar, e isso foi há 5 anos. A iniciativa foi dele, mas eu também queria” (Dorca, 18 anos).

“Há 3 anos perdi a virgindade, por iniciativa dos dois. Do meu lado foi por curiosidade. Eu via as pessoas a praticar sexo nos filmes enovelas, mas fiquei mais curiosa quando assisti filmes pornográficos. Eu queria saber o que sentia aquelas pessoas, então decidi experimentar”. (Maura, 19 anos).

“Iniciei há 4 anos por influência das minhas amigas e do meu parceiro. Minhas amigas já não eram virgens e me contaram que eram “nice” (bom) fazer sexo. Meu namorado também já queria, então resolvi aceitar e começar” (Chelsea, 17 anos).

Para a primeira relação sexual, mais de metade das adolescentes, afirmou ter sido boa, e outras responderam que ter sido dolorosa e má, porque não estavam preparadas no momento exacto da relação. O que pudemos constatar, é que as adolescentes nesta fase, deixam-se levar pela influência que recebem tanto das amigas, dos parceiros, assim como dos meios de comunicação social. Maura, de 19 anos, declarou que a curiosidade que a levou a iniciar a vida sexual aos 16 anos, foi motivada pelos filmes pornográficos que assistiam. Os mesmos despertaram na adolescente a vontade e a curiosidade de experimentar.

A respeito da influência da mídia e da pornografia na vida sexual dos jovens, (Guerra, Andrade e Dias, 2004: 269 *apud* Osório e Silva: 2008), argumentam que *a expansão dos modernos meios de comunicação social levanta inúmeras questões sobre o impacto que as telenovelas, a violência, as imagens eróticas, particularmente as imagens do corpo feminino exploradas pela publicidade e a pornografia, podem exercer sobre o comportamento juvenil, havendo possibilidade de gerar comportamentos socialmente indesejados, como a busca do sexo pelo sexo, comportamentos sexistas e agressivos (...), e toda a gama de crimes sexuais.*

Em, relação a idade para o início da relação sexual, as adolescentes pensam que não existe uma idade propícia, porque isso depende de cada um. A pessoa que se sente preparada para tal, pode iniciar a sua vida sexual. Quando falam de estar preparadas, as adolescentes se referem ao facto de elas mesmas acharem ou sentirem que já estão prontas.

Então, constatamos que as adolescentes usam elementos como, o comportamento do parceiro, confiança que têm nele, vontade que elas têm para experimentar, para definir se já estão prontas ou não para iniciar a vida sexual. Elas também se baseiam naquilo que sentem ou que ouvem das amigas e/ou dos parceiros, bem como dos meios de comunicação social.

“Eu acho que não existe uma idade para iniciar a vida sexual, porque para iniciar, a mulher tem que estar física e psicologicamente preparada” (Chelsea, 17 anos).

“Não existe idade fixa, mas, pelo menos 17 a 18 anos. Porque nós iniciamos a vida sexual quando achamos que já estamos preparadas e em outros casos é para agradar ao parceiro. Quando não estou preparada, fico com medo e com receio, e então observo o comportamento do meu parceiro e vejo se vale a pena arriscar”. (Maura, 19 anos).

Porém, acham as adolescentes que é importante pensar sobre quando iniciar a vida sexual, pois, para elas é muito importante a primeira relação sexual, e é preciso ter consciência do que se está para fazer.

“Desde o momento que nos relacionamos com alguém, temos que fazer um estudo da pessoa, ver se é a ideal ou se nós nos sentimos bem com ela”. (Alice, 19 anos).

“É importante pensar sobre quando e com quem iniciar a actividade sexual, para não se envolver sem segurança.” (Amélia, 18 anos).

No tocante a virgindade, as adolescentes deixaram ficar que para elas, ser virgem, não é só a pessoa que nunca teve qualquer tipo de relação sexual, e sim, é estar física e psicologicamente inocente. E, se as meninas devem se preservar virgens até ao casamento, elas responderam que não, pois isso era uma tradição ultrapassada.

“Eu não acho que devemos esperar até ao casamento, porque os homens tem suas necessidades, e é difícil para eles esperar, então é por isso que hoje em dia as meninas deixam de ser virgens muito cedo”. (Chica, 19 anos).

“Não, porque hoje em dia já não se segue a tradição, e as coisas são diferentes por causa da influência de amigas” (Dorca, 18 anos).

Estes depoimentos, mostram duas formas de encarar a virgindade e a vida sexual por parte das adolescentes. Uma baseada nos parceiros e outra baseada na influência das amigas. Elas decidem a vida sexual a partir de influências externas á família e á escola. Nos discursos, as adolescentes não mencionaram que não se mantêm virgem até ao casamento porque assim o decidem, mas porque os parceiros não podem esperar e porque recebem influência das amigas.

assim, recorrendo á nossa teoria de base, da construcao social da realidade, notamos que, os adolescentes, ao se preocuparem em pedir conselhos ao grupo sobre a forma de vestir e como se comportar, elas acompanham o modo de vida do grupo, procurando assumir os mesmos valores. Suas atitudes só podem ter sentido se o grupo as reconhecer e aceitar.

CAPÍTULO 5

VIRGINDADE: PERCEPÇÕES E INFLUÊNCIAS

6.1. Percepções das adolescentes acerca da preservação da virgindade

Ao abordarmos o assunto relativo a virgindade, constatamos em nossa pesquisa que, a virgindade, como referimos anteriormente era vista como um tabu e que pregava que a mulher tinha que se entregar virgem ao marido, ou seja, casar sem nunca ter tido algum tipo de relação sexual, (Goodson: 2010 *apud* Aldeia: 2010).

Os depoimentos das entrevistas indicam que, as adolescentes não dão muita importância a virgindade. Quando entram para a sexualidade, são poucas as influências e instruções que recebem por parte da família e da escola, vão levando a vida com base naquilo que ouvem dos meios de comunicação social e dos amigos. O assunto da virgindade não é discutido nestes dois meios de socialização, o que diminui as fontes de aprendizagem. A virgindade é um assunto que já não faz sentido no mundo actual das adolescentes, é coisa do passado.

Ao mesmo tempo, constatamos que as percepções que as adolescentes têm sobre a virgindade, demonstram relações de poder, desigualdades de género e de subordinação da mulher pelo homem. Os dados das entrevistas revelaram que 60% das adolescentes perdeu a virgindade por influência e por vezes por medo de perder os namorados. As adolescentes, se vêm com pouco espaço de manobra quando os namorados pedem sexo, acabando por ceder. Este espaço fica cada vez mais reduzido, mas não só por medo de perder o namorado, como também, as adolescentes não têm muitos argumentos que lhes permitam recusar. Se a família e a escola passasse informações sobre educação sexual a ponto das adolescentes saberem que meio estão, mais facilmente elas saberiam como manejar a sua vida sexual.

Poucas vezes, as adolescentes pensam sobre que elementos avaliar quando decidem iniciar a vida sexual. Assim, suas percepções vão sendo construídas com base naquilo que recebem das amigas e dos parceiros sexuais. Nossa teoria defende que o

conhecimento é construído em interação com os outros. Assim, já que o adolescente interage com o seu grupo de pares e esta interação significa receber e partilhar valores, seu conhecimento será construído nesta realidade.

5.2 Grau de influência do grupo de pares no comportamento e atitudes das adolescentes

O grupo de pares, é um importante factor de socialização, (De Martins: 2006). Este grupo de pares, neste caso as amigas das adolescentes, uma vez que os adolescentes tendem a ter amigos do mesmo sexo, exercem influência no comportamento e nas atitudes tomadas por eles, principalmente no que respeita a vida sexual. Uma vez que as adolescentes se sentem tímidas para conversar sobre sexo com os pais, recorrem as amigas para fazê-lo e para satisfazer a curiosidade que têm sobre o assunto. A maior parte das conversas que têm com as amigas, é sobre a vida sexual, o que significa que a maior parte das coisas que vão saber sobre sexo, terão aprendido com o grupo das amigas, e será neste quotidiano que sua realidade será construída. Assim, muitas, aprendem coisas com as amigas, aconselham-se umas as outras, o que vai moldar o seu comportamento delas. Nos depoimentos das entrevistadas constatamos que para além de dar muita importância ao grupo deixam que algumas influências recebidas do grupo norteiem o seu comportamento e atitudes, mas, é um deixar involuntário, na medida em que a influência que certo grupo exerce sobre o indivíduo, não é sentida pelo mesmo (Berger e Luckmann:1978). As adolescentes passam a confiar ao grupo sua vida sexual, suas intimidades e segredos. Passam a ter o hábito de tratar assuntos sobre sexo com maior frequência no grupo das amigas, o que faz com que os comportamentos e atitudes sexuais, sejam levianas e sigilosas. A prática de relações sexuais cada vez mais cedo, é uma atitude que procura corresponder o modo de vida do grupo, corresponder também ao comportamento que as outras têm em relação ao sexo. As adolescentes procuram copiar certos comportamentos das amigas, sem muitas vezes pensarem sobre os mesmos.

Assim, a vida que se leva dentro dos grupos de pares, influencia o comportamento e as atitudes das adolescentes em relação a vida sexual.

5.3. Influência que o grupo exerce nas opiniões e decisões das adolescentes

Do mesmo jeito que o grupo influencia o comportamento e as atitudes das adolescentes, o mesmo acontece com certas opiniões e decisão tomadas pelas adolescentes. Constatamos nos depoimentos das entrevistadas que, o que as adolescentes pensam sobre a virgindade, é fundado no grupo, naquilo que ouvem lá, ou seja, “ seu mundo de vida” (Berger e Luckmann: 1978). Assim, para o iniciar a vida sexual, ou ter uma relação sexual com um parceiro novo, as adolescentes recorrem ao grupo como auxílio para tomarem a decisão, e muitas vezes se guiam deixam pela opinião recebida do grupo, pois, o conhecimento impoem-se á sua consciência.

Como o grupo ocupa parte da sua vida, e é o meio pelo qual obtém informações sobre sexo, facilmente guiam suas decisões com base naquilo que as outras pensam ou opinam. As adolescentes muitas vezes imitam o que as amigas do grupo fazem, como forma de corresponder ao estilo de vida do grupo. O medo de sentir-se diferente das outras do grupo, faz com que se adaptem á vida levada no grupo

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao propormo-nos compreender as percepções que as adolescentes têm acerca da preservação da virgindade, procuramos identificar, em primeiro lugar, o papel que os diferentes agentes de diferentes meios de socialização (família, escola, amigos) têm para a produção desta compreensão, uma vez que nossa teoria de base mostra que o conhecimento é resultante da construção social da realidade e por sua vez interpretado pelos indivíduos.

Ao fazermos a análise destes meios de socialização, pretendíamos perceber como é que estes, na sua especificação contribuem para a formação das percepções das adolescentes acerca da virgindade, a partir do relacionamento que estes meios estabelecem com as adolescentes e que tipo de informação estes meios deixam passar para elas através dos seus discursos.

A análise sobre a família, permitiu perceber a partir dos depoimentos das adolescentes, que o relacionamento entre a família e as adolescentes é caracterizado por um relativo silêncio em relação ao assunto sexualidade e por conseguinte da virgindade, por isso as adolescentes as caracterizam de difíceis e temperamentais pela ausência de diálogo entre ambas sobre este assunto.

Deste modo, nossa conclusão foi de que as famílias não passam informação às adolescentes acerca da vida sexual, assim, não se discute nas famílias a vida sexual das adolescentes, o que faz com que as percepções que tem acerca da virgindade seja apreendidas em outros meios de socialização.

Constatamos também que as adolescentes não dão muita importância a virgindade, como outrora era dado, pois estas percebem que a virgindade é um assunto do passado que já não faz sentido no mundo actual. Embora afirmem que é importante pensar sobre quando e com que iniciar sua vida sexual, as adolescentes são guiadas pelas opiniões das outras ou dos parceiros sexuais, o que faz com que iniciem cedo a prática das relações sexuais. Para as adolescentes perder a virgindade antes do casamento não constitui problema, mesmo que isso seja entre os 13 e 14 anos de

idade, necessário é segundo elas se sentir preparada, embora não ofereçam dados para percebermos exactamente o que significa essa preparação.

O modo como as adolescentes percebem a questão da virgindade, tem haver com meio onde circula. As adolescentes convivem muito com os grupos de pares, é nestes grupos onde trocam maior parte da sua intimidade, assim, sua percepção vai ser construída na realidade onde vivem ou onde se identificam. Uma vez que a família e a escola não passa informação sobre a sexualidade e virgindade, os grupos de pares vão preencher este vazio, e uma vez em interação e comunicação com mesmo, vão transmitir-se valores que lhes permitiram interpretar o mundo ao seu redor.

Pensar que a virgindade é algo do passado, é uma ideia partilhada pelos membros do grupo e soa como uma realidade certa para eles, pois responde á suas preocupações e necessidades. Praticar relações sexuais prematuramente, é uma acção que encontra sentido na sua realidade de adolescentes, onde maior parte das coisas tem o desejo de experimentar. Como afirmam Berger e Luckmann (1978) na nossa teoria de base, não se pode existir sem estar continuamente em interação com os outros, e, esta interação só é possível porque os adolescentes compreendem e aceitam as regras e o estilo de vida do grupo. Se, no grupo de pares a maior parte dos amigos tiver ja praticado relações sexuais, mais facilmente o outro vai praticar, pois, a vida quotidiana impõe-se á consciência do indivíduo de forma intensa, sem que o mesmo sinta a sua presença.

O medo de se sentir diferentes dos outros membros do grupo, é um sentimento involuntário que o adolescente cumpre, pois, já desenvolveu um sentimento de pertença com os membros do grupo de pares. Assim, é no grupo de pares onde ele encontra sentido das suas acções, pois, partilha o mesmo ideal, ha correspondência entre os seus significados.

A virgindade que é definida de acordo com cada cultura, para os adolescentes ela não se refere á ausência de relações sexuais somente, mas também á inocência em relação ao assunto do sexo. Portanto, a dinâmica da sociedade, a liberdade sexual, acompanha

esta forma de pensar, e por estes motivos preservar-se virgem actualmente não vai ter enquadramento nesta realidade dos adolescentes.

Portanto, dissemos em nosso trabalho que era relevante este tema da Virgindade, por ser pouco aprofundado nas ciências sociais em Moçambique. Os estudos que apresentados na revisão da literatura, não aprofundam o estudo a cerca da virginade. Deste modo, este trabalho, pretendeu captar as percepções da adoldescentes acerca deste tema. Observamos com base na teoria de construção social da realidade que, as adolescentes no seu grupo de pares constõem suas opiniões. Esta teoria permitiu apreender que o conhecimento é construído e ele impõem-se a consciência do indivíduo.

Observamos também que a virgindade enquanto uma accao, é uma construção social que acompanha cada etapa ou fase do desenvolvimento das sociedades. Enquanto no passado era valorizada, agora ja não é. As adolesecntes no seu grupo de pares desenham mecanismos que as permite justicar a sua virgindade ou não e o início das relacoes sexuais.

Deste modo, ressaltar que há poucos estudos sobre a virgindade em Moçambique, e este trabalho, foi apenas um ensaio e uma tentativa de aprofundar este assunto. Assim, pensamos que este trabalho pode oferecer algumas informações para futuros estudos mais aprofundados sobre a virgindade em Moçambique.

Referências Bibliográficas

APPOLINÁRIO, Fábio. Um guia para a produção de um Conhecimento Científico. São Paulo: Atlas S.A, 2004.

ANDRADE, Ximena; ARTUR, Maria José; OSÓRIO, Conceição; SILVA, Teresa Cruz e. Representações e práticas da sexualidade dos jovens e a feminização do SIDA em Moçambique. *Relatório de pesquisa: Estudo de caso no Centro e Sul do país. Maputo, WLSA Moçambique, 2007.*

ASDI (Agência Sueca de cooperação internacional para o desenvolvimento): Para a igualdade de Género em Moçambique: *Perfil das relações de Género*, Edições Afrontamento, 2006

BERGER, Peter e LUCKMANN, Thomas. A construção Social da Realidade: Tratado de Sociologia. Petrópolis: Vozes, 30 ed, 2009.

BUENO, Francisco da Silveira. Dicionário da língua Portuguesa. Rio de Janeiro: MEC/FENAME, 1980.

CARVAJAL, Guillermo. O TORNAR-SE ADOLESCENTE. A aventura de uma metamorfose: uma visão psicanalítica da adolescência. Cortez editora. São Paulo, 1998.

CORTESÃO, Irene, SILVA, Maria Alcina, TORRES, Maria Arminda. Educação para uma sexualidade Humanizada. Edições Afrontamento. Porto: 2 ed, 2005.

Comissão da União Africana. Quadro de Política Continental para os Direitos Sobre a Saúde sexual e Reprodutiva. s/e, s/ed, s/d.

COSTA, Maria Eugenia Belczar. *Grupo focal* in MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA EM COMUNICAÇÃO. Duarte, Jorgete; Barros, António. São Paulo, 2ed, 2006.

GOBBI, Maria Cristina. *Método biográfico*, in: MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA EM COMUNICAÇÃO. Duarte, Jorgete; Barros, António. São Paulo, 2 ed, 2006

De MARTINS, Lúcia. *Compêndio de Sociologia*. Edições 70. Lisboa, 2006. Pag. 54. (adaptado)

Declaração e Plataforma de Beijing adoptados pela conferência Mundial sobre a Mulher: Acção pela Igualdade, desenvolvimento e Paz. Beijing, 15 de Setembro de 1995, traduzido por SNV, Moçambique.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade*. Rio de Janeiro: Graal, 13ª ed., 1988

GIL, António Carlos. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo: Atlas, 2 ed., 1999

LAKATOS, Eva Maria. *Sociologia Geral*. São Paulo: Atlas S.A, 6 ed, 1991.

LOFORTE, Ana Maria. *Género e Direitos Reprodutivos* in: NEGRAO, José; JOSE, Maria; et all. *Relações de género em Moçambique: Educação, Trabalho e Saúde*. Maputo: D.A.A, U.E.M, 1998.

LOFORTE, Ana Maria. *Noções de sexualidade: respondendo ás necessidades dos jovens em matéria de saúde sexual e reprodutiva*. Outras Vozes WLSA. n°19. Maio de 2007

LOPES, Leónia Denise. *Entre liberdades e diferenças: Construindo sexualidade feminina em Residências Universitárias*. 2010. 72f (folhas). Trabalho de final de curso- Universidade Eduardo Mondlane.

Heilborn, Maria Luiza, et all. *O aprendizado da Sexualidade: reprodução e trajectórias sociais dos jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2006.

MARCELLI, Daniel, BRACONNIER, Alain. *Adolescência e Psicopatologia*. Porto Alegre: Artmed, 6ed, 2007.

MORAIS DE SÁ, et all. *Sexualidade Humana*. Rio de Janeiro: Revinter, Ltda, 2000.

MARIANO, Esmeralda. “A construção do corpo feminino na compreensão do conceito de género” in: TELES, Naír et all. GÉNERO E DIREITOS HUMANOS EM MOCAMBIQUE Maputo: Departamento de Sociologia da Universidade Eduardo Mondlane, 2010.

MITANO, Fernando. Experiências e Percepções Sobre a Gravidez na Adolescência: Um estudo fenomenológico. Maputo: Ndzira, Ltd, 2011.

SILVA, Teresa Cruz; ANDRADE, Ximena; OSÓRIO Conceição, ARTUR, Maria José. Representações e práticas da sexualidade entre os jovens e a feminização do SIDA em Moçambique. Maputo: WLSA Moçambique, 2007.

OSÓRIO, Conceição. A socialização escolar: educação familiar e escolar e violência de género nas escolas. Outras Vozes WLSA, no19. Maputo, 2007.

OSÓRIO, Conceição; SILVA, Teresa Cruz e. Buscando sentidos: Género e sexualidade entre jovens estudantes do ensino secundário, Moçambique. Maputo: WILSA Moçambique, 2008.

Em meio electrónico

ALDEIA, L. Psicologia Sexologia: fases do desenvolvimento psico-sexual, 2010. Disponível em <[http:// Lilianaldeiapsicologias. Wordprss.com/](http://Lilianaldeiapsicologias.Wordprss.com/)>. Acessado em 29 fev, 2012.

TROSTER, Eduardo Juan; OSELKA, Gabriel. Adolescência e Saúde *In*: Revista Associação Médica brasileira. São Paulo, vol. 46, 2000. Disponível em <<http://www.adolescenciaesaúde.com>>

Equipe de Saúde do adolescente, SPAIS/SES. Grupo de pares. Acessado em 29 de fev, 2012. Disponível em <[http://www. adolescênciaesaúde.com](http://www.adolescenciaesaúde.com)>
<http://pt.shvoog.com/social-sciences-dosgrupos -dos-pares>.

www.jovensdajosina.blogspot.com/2010/07/historial-da-escola-secundaria-josina.html. acessado em Jul, 2012.

Anexo 1

Tabela com distribuição das entrevistadas em bairros e idades

NOME	BAIRRO	IDADE (ANOS)
Luisa	Alto-Maé	19
Solange	Alto-Maé	19
Chica	Alto-Maé	19
Elvira	Jardim	18
Chelsea	Malhangalene	17
Sheila	Sommerchild	18
Cíntia	Hulene	18
Amália	Hulene	18
Alice	Mavalane	18
Amélia	Mavalane	19
Raquel	Mavalane	19
Maura	Ferrovário	19
Lúcia	Luís Cabral	19

Victória	Xipamanine	18
Mónica	Mafalala	18
Sunaya	Matola	18
Rosalina	Matola	17
Dorca	Polana Caniço	18
Olga	Polana Caniço	18
Edna	Polana Caniço	17
Rosta	Chamanculo	19
Sandra	Chamanculo	19
Cláudia		16
Sónia		16

Anexo 2

Guião de entrevista para o grupo focal

I. Informação Demográfica

1. Nome:
2. Idade: _____(em anos).
3. Nível de escolaridade que concluiu
4. Qual é o seu estado civil?
5. Profissão?
6. Onde vive?
7. No de filhos

II. Sobre o Relacionamento da jovem adolescente com a sua família de origem

1. Têm irmãos? Quantos?
2. Como caracteriza a sua família de origem:
 - 1.1. Difícies;
 - 1.2. Amigos;
 - 1.2. TemeramentaisPorque?
3. Que tipo de conversa têm com seus pais?
4. Conversava sobre educação sexual na sua família?

5. Há diferenças nos conselhos que seus pais dão as raparigas e aos rapazes, sobre educação sexual? Quais?
6. Seus pais permitiam-no sair de noite? Sim ou não?
7. Têm hora para sair e voltar? Qual?
8. E a mesma hora para os rapazes? Não, porque?

III. Relação com os amigos

1. Como caracteriza a sua relação com seus amigos? (boa, ma, saudável, etc). Porque?
2. Que tipo de conversas vocês têm?
3. Conversam sobre educação sexual? Sim ou não? Porque?
4. Vocês têm se aconselhado nessa matéria ou noutra?
5. O que acha sobre a vida sexual que seus amigos levam?

IV. Sobre educação na escola

1. Aprendeu algo sobre educação sexual na escola? Sim ou não?
2. No caso de ter aprendido, diga com quem aprendeu e quais era os conteúdos introduzidos?
3. Que avaliação faz em relação a educação sexual aprendida na escola?

V. Sobre a vida sexual da adolescente

1. Namora? Sim ou não?
2. Com que idade começou?
3. Quem pediu o outro em namoro? Porquê?
4. Já teve relacionamentos sem compromissos? Sim ou não, porquê?

5. Já iniciou a sua vida sexual? Sim ou não, Porquê?
6. Há quanto tempo?
7. De quem foi a iniciativa?
8. Como foi a relação?
9. Seus pais, amigos e colegas, sabem que você já iniciou a sua vida sexual?
10. O que eles acham disso?
11. O que você acha da opinião deles?
12. Acha que existe uma idade para início da actividade sexual? Qual?
13. Porquê?
14. Acha que é importante pensar sobre quando e com quem iniciar a actividade sexual? Porquê?
15. Seus amigos já iniciaram com actividade sexual?
16. O que é ser virgem para si?

Guião de entrevista aplicado para história de vida

I. Informação Demográfica

1. Nome:
2. Idade: _____(em anos).
3. Nível de escolaridade que concluiu
4. Qual é o seu estado civil?
5. Profissão?
6. Onde vive?

7. No de filhos

II. Educação na família

1. O que te dizem em casa sobre o que deve ser o comportamento de uma rapariga?
2. Tiveste algum ritual de iniciação?
3. Alguma vez te falaram de sexo em casa?
4. O que falaram?

II. Educação na escola

1. Pensas que os professores se relacionam da mesma maneira com rapazes e raparigas?
2. Quais os aspectos positivos da convivência com as tuas colegas na escola?
3. Que tipo de influência teus amigos passam para ti?
4. Conversas mais com as tuas amigas ou com os teus pais?

II. Vida sexual

1. Na tua opinião, quais as razões que levam aos jovens a iniciar a vida sexual?
2. Tu te preocupas com a opinião dos teus colegas sobre a tua vida sexual?
3. A quem recorres com frequência quando tens dúvidas relacionadas com a vida sexual?
4. Onde é que ouviste pela primeira vez falar de sexo?

